

**KAMILA SANTANA MAGALHÃES**

**RESISTENCIA E MEMÓRIA:  
Reconstrução da imagem de Bárbara Heliodora**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras - Português, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Danglei de Castro Pereira

Brasília/DF  
2021

Santana Magalhães, Kamila

Sr                RESISTENCIA E MEMÓRIA: Reconstrução da imagem de Bárbara  
Heliadora / Kamila Santana Magalhães; orientador Danglei  
de Castro Pereira. -- Brasília, 2021.

53 p.

Monografia (Graduação - Língua portuguesa e Respectiva  
literatura) -- Universidade de Brasília, 2021.

1. Apagamento. 2. Arcadismo. 3. Bárbara Heliadora. 4.  
Historiografia. 5. Memória. I. de Castro Pereira, Danglei ,  
orient. II. Título.

**KAMILA SANTANA MAGALHÃES**

**RESISTENCIA E MEMÓRIA:  
Reconstrução da imagem de Bárbara Heliodora**

**COMISSÃO EXAMINADORA**

Prof. Dr. Danglei de Castro Pereira (Presidente)  
Universidade de Brasília/UnB

Brasília /DF, 30 de outubro de 2021.

MAGALHÃES, Kamila. *Resistência e memória: Reconstrução da imagem de Bárbara Heliadora*. 2021. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso de Letras Português (Licenciatura) - Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2021.

## RESUMO

Estudando a historiografia literária, observamos que vários autores, de vários períodos literários, ficam à margem do cânone literário, tendo, muitas vezes, suas obras esquecidas e não apresentadas aos leitores em formação. À vista disso, proporemos neste trabalho apresentar a poetista árcade brasileira Bárbara Heliadora Guilhermina da Silveira, autora pouco conhecida e estudada mesmo no contexto árcade brasileiro. Pensamos, como objetivo da pesquisa, apresentar e valorizar sua obra nos dias atuais. Para isso, tendo como fonte teórica, os estudos comparados, pensamos a importância da obra no paralelo entre a autora árcade brasileira com o romance *Um poema para Bárbara: a história de amor que ajudou a escrever a História do Brasil*, da escritora Monica Sifuentes.

**Palavras-chave:** Apagamento. Arcadismo. Bárbara Heliadora. Historiografia. Memória.

MAGALHÃES, Kamila. Resistência e memória: Reconstrução da imagem de Bárbara Heliadora. 2021. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso de Letras Português (Licenciatura) - Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2021.

### **ABSTRACT**

Studying the literary historiography we observe that several authors, from various literary periods, are on the margins of the literary canon, having, many times, their works forgotten and not presented to the readers in formation. In view of this, we propose in this paper to present the Brazilian Arcad poet Bárbara Heliadora Guilhermina da Silveira, an author who is little known and studied even in the Brazilian Arcadian context. Our goal is to present and value her work today. For this, having as theoretical source, the comparative studies, we think the importance of the work in the parallel between the Brazilian Arcadian author and the novel *Um poema para Bárbara: a história de amor que ajudou a escrever a História do Brasil*, by the writer Monica Sifuentes.

**Keywords:** Erasure. Arcadism. Bárbara Heliadora. Historiography. Memory.

## **AGRADECIMENTOS**

Com muito carinho, agradeço, primeiramente, à Universidade de Brasília por me proporcionar uma educação crítica e reflexiva.

Agradeço imensamente aos meus pais, Márcia Santana e Uenes José, pelos ensinamentos e compreensão durante toda minha jornada, para que eu pudesse dar andamento ao desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço a meus amigos pela gentileza e paciência que me dedicaram neste período, sempre me dando motivos para prosseguir. Em especial, agradeço a Nicole Gomes, grande amiga, que me acompanhou durante o dia a dia da construção deste trabalho, aconselhando-me e acalmando-me.

Não poderia esquecer de agradecer a todos os professores que fizeram parte da minha vida acadêmica, os quais compartilharam comigo seus sábios conhecimentos.

Agradeço também, é claro, ao meu orientador - professor Dr. Danglei de Castro Pereira - pelas orientações e ensinamentos, bem como por me guiar durante todo o desenvolvimento deste trabalho, ajudando-me a dar forma ao trabalho, além de contribuir para o meu crescimento como profissional.

Assim, agradeço a todos os que de alguma forma contribuíram direta ou indiretamente para o meu crescimento pessoal e profissional dentro e fora da Universidade, de modo que eu chegasse até aqui com este estudo finalizado.

“A invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. O que inspira tais apelos não é apenas a divergência quanto ao que ocorreu no passado e o que teria sido esse passado, mas também a incerteza se o passado é de fato passado, morto e encerrado, ou se persiste, mesmo que talvez sob outras formas.”

Edward Said

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 APRESENTAÇÃO DE BÁRBARA HELIODORA.....</b>	<b>10</b>
2.1 Quem é Bárbara Heliodora?.....	10
2.2 Contextualização.....	12
<b>3 O APAGAMENTO DA IMAGEM DE BÁRBARA HELIODORA.....</b>	<b>18</b>
<b>4 ANÁLISE DA OBRA POÉTICA.....</b>	<b>21</b>
4.1 Conselho a meus filhos.....	22
4.2 À Maria Ifigenia.....	28
<b>5 FONTE TEÓRICA.....</b>	<b>34</b>
5.1 Literatura Comparada.....	34
5.2 Um poema para Bárbara Heliodora.....	38
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>52</b>



## INTRODUÇÃO

Ao analisar obras literárias, percebemos que as relações sócio-históricas, que compõem uma determinada sociedade, são fatores que estão imbricados e caracterizaram as obras literárias. Assim, pode-se dizer que a literatura é fruto de uma determinada época, que, por sua vez, nasce do processo de formação da história de uma sociedade. Entendemos que a construção da história da literatura brasileira iniciou-se anterior ao período setecentista, uma vez que todos os elementos que compõem a história do Brasil, desde o século XVI, estão presentes direta ou indiretamente nas obras literárias. Atentando-nos para a história do Brasil Colônia, especificamente ao século XVIII e a Minas Gerais - um dos principais centros econômicos da época -, observamos que a literatura brasileira começava a aparecer, ou pelo menos, tentava soltar faíscas de uma literatura mais nacional, embora ainda houvesse forte diálogo com os modelos europeus. Neste período, a maior parte dos poetas faziam parte de uma elite mineira que almejava grandes transformações econômicas, políticas e sociais. Sob os ideais Iluministas, o Arcadismo apresentou-se como o meio dos poetas expressarem as suas frustrações e descontentamentos em relação a Coroa Portuguesa, que os submetia à censura e à opressão. O desejo de se libertarem da Coroa Portuguesa, em busca da independência, motivados por essa frustração e descontentamento, transformou-se posteriormente no que chamamos de Inconfidência Mineira.

É nesse contexto que viveu Bárbara Heliadora Guilhermina da Silveira, poetista que nasceu em Minas Gerais e participou da história de uma das maiores e mais ricas capitânicas da Colônia Brasileira, que, na época, possibilitou o crescimento econômico das elites, que acendiam no século XVIII. Bárbara Heliadora, conhecida pela sua beleza e inteligência, teve seus poemas deixados à beira da história da Literatura Brasileira, dos quais temos acesso a poucos, mas que, embora sejam poucos, conseguiram nos apresentar à Bárbara Heliadora.

É a partir dessas perspectivas que (re) construiremos e apresentaremos a imagem de Bárbara Heliadora, que foi apagada da Literatura brasileira, focando em sua história enquanto mulher e poetista, pertencente a um contexto complexo, cercado por novas ideologias políticas, econômicas e sociais, o qual impedia a efetiva participação feminina no meio social.

Tentar compreender todas as características de uma época que constituem uma obra literária é tarefa longa, mas tentaremos abordar algumas das questões relevantes que fazem parte da história e da obra literária da poetista Bárbara Heliadora.

Para isso, primeiramente, faremos uma apresentação de Bárbara Heliodora, contextualizando-a no século XVIII, além de contextualizar sua obra no período Arcádico. Em segundo momento, analisaremos os seus poemas, buscando apresentar, por meio desses poemas, traços que demonstrem a história da autora, contextualizando-os também ao Arcadismo. Por fim, traçaremos um paralelo entre a personagem de Bárbara Heliodora com a obra de Monica Sifuentes, intitulada de *Um poema para Bárbara: a história de amor que ajudou a escrever a História do Brasil*.

## **2 APRESENTAÇÃO DE BÁRBARA HELIODORA**

### **2.1 Quem é Bárbara Heliodora?**

Grande poetista brasileira, Bárbara Heliodora Guilhermina da Silveira é conhecida, principalmente, por ter a sua imagem associada ao poema *Bárbara bela*, escrito pelo poeta e inconfidente Inácio José de Alvarenga Peixoto, seu esposo, com quem teve quatro filhos. Nascida na cidade de São João Del Rei, Minas Gerais, pertenceu à família do importante bandeirante paulista Amador Bueno da Veiga, bisneto de Amador Bueno Rivera, conhecido como “o Aclamado” pelos seus grandes feitos e fidelidade à Coroa portuguesa. Resultado do matrimônio entre o advogado José da Silveira e Maria Josefa da Cunha, Bárbara, a filha mais velha do casal, era bastante conhecida em sua cidade natal como uma jovem de ativa beleza física, sendo considerada a filha mais bela, sempre com a atenção voltada para si:

“Bárbara Eliodora era a filha mais velha do casal. Era uma moça alta, de porte altivo, tinha pele clara e os olhos muito vivos, de um azul profundo. O cabelo era castanho claro, cheio e cacheado, que apresentava uma tonalidade avermelhada quando ela ficava ao sol. Gostava de usá-los semipresos com uma fita, realçando-lhe o rosto em que se destacava a boca carnuda e benfeita, emoldurados pelo seu belo sorriso. Bárbara era alegre, mas de gênio forte, sempre disposta a contradizer o pai [...]” (SIFUENTES, 2015, p. 118)

Bárbara Heliodora recebeu - diferentemente da maior parte das moças da época - o que se considerava na época, uma boa educação. Letrada e com bons modos, foi criada como todas as moças de família abastada: para casar-se, ser dona de casa e uma boa mãe. Os grandes empenhos de sua mãe, Maria Josefa da Cunha, em torná-la uma jovem admirada e cobiçada pela alta sociedade de São João Del Rei viam-se por diversas vezes alvo da personalidade forte da filha mais velha. Desde a mocidade, Bárbara expressava grande

inteligência e afeição pelo mundo das Letras, era uma excelente poetista, recitava poemas de outros poetas nos eventos familiares dados por sua família. Bárbara foi criada para conseguir um casamento que lhe proporcionasse uma boa imagem diante da sociedade – recheado de riquezas, prestígio e respeito, mas, contrariando em certa medida as expectativas de sua família, principalmente as de sua mãe e as da sociedade de São João Del Rei, Bárbara, por muitas vezes, apresentava caráter e gênio forte, o que a diferenciava das jovens da época, mas também a rodeava de atenção.

Casou-se com Alvarenga Peixoto, importante advogado fluminense formado pela Universidade de Coimbra, Portugal. Foi também ouvidor da comarca do Rio das Mortes, Minas Gerais, mas deixou o cargo de ouvidor para dedicar-se à mineração, o que lhe proporcionou enriquecimento. O casamento com Alvarenga garantiu à Bárbara importante prestígio e respeito na cidade de São João Del Rei, uma das mais importantes durante o período colonial. Além da educação dada por sua família, ser esposa de um importante membro da sociedade de Minas Gerais fez com que Bárbara pudesse frequentar certos espaços sociais, que, normalmente, não eram destinados às mulheres do século XVIII, considerando que o período setecentista deu continuidade à imagem da mulher como uma figura delicada, ligada aos afazeres domésticos e de natureza maternal.

O período colonial nos traz um estereótipo de mulher servil e dependente. As mulheres recebiam uma educação moralizante, a tarefa única da mulher era, desde a infância, aprender a cuidar da casa e dos futuros filhos a fim de conseguir um marido na juventude. Nas famílias mais ricas, tinha-se algum pouco contato com uma “educação”, as jovens deviam aprender a falar o francês e a tocar piano - o que também era usado como recurso para conseguir um casamento - mas, ainda sim, a maior parte dessas jovens era analfabeta. Quando as mulheres aprendiam a ler e a escrever, passavam a ser consideradas como já instruídas o suficiente, não sendo, portanto, necessária maior aquisição de conhecimento. Isso porque uma educação voltada para outras ciências poderia desestabilizar a ideia central que se tinha do papel de dona-de-casa da mulher e do matrimônio, no qual cabe ao homem ser o provedor da família, e à mulher, os afazeres domésticos e maternos. Mais conhecimento poderia resultar no afastamento das mulheres de seus papéis de esposa e mãe, resultando no abandono da imagem servil, dependente e cuidadora que as atribuíam. Além disso, a mulher não era vista como um ser com capacidade de lidar com os negócios, a política e a economia, restando-a apenas o casamento, não sendo necessária uma educação voltada para o conhecimento das ciências.

Assim, a orientação familiar dada às filhas mulheres era centrada para a realização do matrimônio conjugal. Nesse sentido, Adrienne Morelato explica a falta de escolarização para as mulheres do século XVIII:

Contam-se nos dedos os nomes de mulheres que até então conseguiram figurar na história literária, e quando citadas pouco ou nada restou de suas obras. Deve-se lembrar que a mulher não tinha direito a educação, as que tinham eram brancas e ligadas à alta classe social da época. Dentre essas que recebiam alguma instrução, as que escreviam não tinham espaço para divulgação e publicação, ficando o escrito guardado em uma gaveta.” (MORELATO, 2015, p.15)

Bárbara Heliodora, poderia ser, já em sua época, considerada uma mulher à frente do seu tempo. Por pertencer a uma família descendente de uma importante linhagem paulista, teve contato com a leitura e com a escrita - sabia ler e escrever -, como algumas poucas jovens da alta sociedade. Mais tarde, após se casar com o poeta Alvarenga Peixoto, teve ainda mais oportunidades de participar e conviver em ambientes que lhe proporcionavam a aquisição de mais conhecimento, o que também pôde ajudá-la a tornar-se uma grande poetista.

Bárbara desde a sua juventude era vista como uma mulher de rara inteligência, um dos motivos que a fez encantar-se pelo poeta Alvarenga. Mantendo relações amorosas desde 1778, casou-se somente em 1781 com Alvarenga Peixoto, até então ouvidor. Após a realização do casamento, Alvarenga Peixoto passa a dedicar-se à mineração, importante atividade socioeconômica do período colonial. Residindo em São Gonçalo, Bárbara e Alvarenga, junto com seus quatro filhos, três homens e uma menina, formavam uma das famílias mais bem abastada da região. Bárbara teve, durante o seu casamento, uma vida cercada por luxo. O casamento com um poeta renovou os ambientes que Bárbara estava acostumada a frequentar. Como costume da época e como se fazia na Europa, Alvarenga Peixoto, vivido e estudado em Portugal, realizava em sua casa encontros com outros poetas e aspirantes a poetas, com o intuito de recitar e compartilhar suas poesias, o que mais tarde tornar-se-ia em encontros para a elaboração de uma conjuração, inspirada nos ideais Iluministas. Esses encontros reuniam poetas luso-brasileiros, que discutiam sobre o novo fazer literário nascente durante o século setecentista e as novas manifestações culturais.

## **2.2 Contextualização**

Esses encontros, criados com inspiração na Arcádia Lusitana, reuniam poetas luso-brasileiros – a maioria com formação superior em Portugal - dos mais diversos. Esses poetas reuniam-se com certa regularidade para partilhar ideias. O Arcadismo acende com as

ideológicas, filosóficas e políticas que vigoraram no século XVIII, resultado do nascimento de uma nova sociedade, formada pela nova classe ascendente - a burguesia. O Arcadismo brasileiro tenta retomar a arte racional. Também conhecido por Neoclassicismo, o Arcadismo traz consigo um estilo de vida bucólica e idílica. Esses encontros resultaram depois na fundação das academias literárias em Minas Gerais, região que, na época, reunia importantes comerciantes, juristas, clérigos e poetas pelo seu crescente desenvolvimento socioeconômico em relação às demais regiões. A mineração que se concentrava ali ocasionou em uma ostensiva procura por riquezas. Isso levou Minas Gerais a um maior desenvolvimento literário, já que lá se encontravam os mais importantes poetas da época. Todas essas características de Minas Gerais possibilitaram que muitos poetas iniciassem – ou pelo menos tentassem iniciar – uma produção literária mais nacionalista em relação ao que se vinha fazendo até o momento.

Em Alfredo Bosi , temos que:

“[...] as tendências estéticas do Arcadismo como busca ao natural e do simples e a adoção de esquemas rítmicos mais graciosos. [...] em nome do equilíbrio e bom gosto entra, no século XVIII, a integrar todo um estilo de pensamento voltado para o racional, o claro, o regular, o verossímil.” (BOSI, 1970, p.55)

Em boa parte dos estudos a respeito do Arcadismo, há, principalmente, um grande destaque para o Arcadismo enquanto um resgate ao Classicismo - que buscava entender o mundo sob a luz da razão, do equilíbrio, da verdade, com referências a mitologia greco-latina - seja pela forma ou pelo conteúdo. Ultrapassando essa perspectiva e resgatando o período histórico setecentista, é possível afirmar que a produção literária árcade brasileira, influenciada pelo seu contexto, não foi apenas a retomada dos valores clássicos. Mesmo que houvesse ainda uma forte ligação com a Europa, a produção literária, que aqui ocorreu, não pôde deixar de lidar com os elementos constituintes do contexto brasileiro que a cercava.

Em concordância com isso, Alfredo Bosi volta o seu olhar para a seguinte conclusão:

“Importa, porém, distinguir dois momentos ideais na literatura dos Setecentos [...]. O momento poético que nasce de um encontro, embora ainda amaneirado, com a natureza e os afetos comuns do homem, refletidos através da tradição clássica e de formas bem definidas, julgadas dignas de imitação (Arcádia). O momento ideológico, que se impõe no meio do século, e traduz a crítica da burguesia culta aos abusos da nobreza e do clero (Ilustração).” (BOSI, 1970, p.55)

Tem-se, então, o Arcadismo sob dois momentos, que Bosi denomina de momento poético e de momento ideológico. De acordo com essa perspectiva, consideramos que o movimento Arcade ultrapassou - ou não foi somente - a ideia do "Neoclassicismo". É cabível a afirmação que o Arcadismo fez parte também de uma transformação social, histórica e literária pelo seu momento ideológico, como ressaltado por Bosi. Consigo trouxe, embora ainda de forma acanhada, um viés político ao âmbito literário, de contestação e insatisfação a partir de um grupo organizado da elite, incluindo poetas que formavam as Arcádias.

Contrários à política adotada pela Coroa portuguesa, que - sob o comando de Marques de Pombal - começou a cobrar impostos exageradamente, a elite mineira iniciou uma conjuração. Por isso, os poetas árcades participavam das arcádias, com o objetivo de tentar derrubar o Império português, libertando a Província de Minas Gerais do domínio dele. Assim, o Arcadismo é também fruto de demandas sociais, políticas e econômicas. Dessa forma, o Arcadismo iniciado na Europa veio para o Brasil por meio dos poetas luso-brasileiros, mas aqui se ajustou ao contexto e suas demandas, passando a ser reflexo do pensamento e do anseio quantos às insatisfações em relação ao modo como estavam sendo governados pela Coroa Portuguesa. Ainda que de forma tímida, os poetas árcades começaram a traçar o caminho para uma possível formação de uma literatura mais nacional. A insatisfação dos poetas árcades apresentaram, por meio da exposição de seus poemas, crítica aos abusos da nobreza e ao clero português, que ainda detinham o poder político.

O Arcadismo foi formado por poetas que faziam parte da burguesia que começava a aparecer em solo brasileiro. O desejo nacionalista veio do anseio pela separação entre colônia e metrópole, começando a caminhar para o desejo de libertação do comando português, o qual não estava em consonância com os interesses da nova classe que crescia. Esse movimento, embora tenha “falhado”, a princípio, teve grande importância para as futuras gerações literárias. As academias árcades, onde aconteciam os encontros dos poetas, eram intensivamente alvas da repressão de Portugal, já que os encontros eram cercados por questões econômicas, ideológicas e sociais, opostas as pregadas pela Coroa.

Percebemos que o século XVIII foi bastante movimentado pela discussão de questões com teor econômico, político e ideológico. Estava em vigor o pensamento iluminista, pregado por John Locke, Voltaire e Denis Diderot, que, em síntese, pregava o conhecimento racional e científico e a oposição à monarquia, estabelecendo forte crítica a Igreja Católica. Inspirado nos ideais Iluministas, também nesse período, acontece o processo de independência da

América do Norte. Todos esses acontecimentos somados à insatisfação da elite mineira com Portugal resultam na Conjuração Mineira. A busca pela liberdade econômica e política presentes nos poetas árcades, durante o processo da Inconfidência Mineira, confirma o teor ideológico do Arcadismo brasileiro.

Esse cenário arcádico, composto e liderado por muitos poetas, possibilitou a formação de Bárbara Heliadora como poetista, ainda que com limitações impostas também pelo próprio contexto que a rodeava. O casamento com Alvarenga viabilizou o convívio da poetista com diversos poemas, já que, nessa época, era comum os poetas reunirem-se para recitar os poemas compostos por eles e por outros poetas em voga, o que, posteriormente, tornou-se as arcádias. Isso acrescido das reuniões dos Inconfidentes.

Ainda que Bárbara tenha convivido com grandes poetas, teve a sua imagem colocada a margem da história. Quando se fala de Bárbara Heliadora, há sempre a ligação da sua imagem a Alvarenga Peixoto, sendo sempre mencionada apenas como a esposa do inconfidente. Raras são as vezes que a sua imagem vem associada à imagem de uma poetista, mesmo sua inteligência sendo uma grande conquista em um período que praticamente não existiam registros - publicados ou não - da escrita de mulheres. Período em que o pensamento patriarcal comandava e orientava as relações sociais, políticas e econômicas, o que implicava diretamente na educação feminina.

Muitos conhecem, de forma superficial, a imagem de Bárbara Heliadora por meio da Obra poética de Alvarenga Peixoto. Um dos mais célebres de seus poemas foi dedicado a ela:

#### À DONA BÁRBARA HELIODORA

Bárbara bela, do Norte estrela,  
Que o meu destino sabes guiar,  
De ti ausente triste a suspirar.  
Por entre as penhas de incultas brenhas  
Cansa-me a vista de te buscar;  
Porém não vejo mais que o desejo,  
Sem esperança de te encontrar.  
Eu bem queria a noite e o dia  
Sempre contigo poder passar;  
Mas orgulhosa sorte invejosa,  
Desta fortuna me quer privar.  
Tu, entre os braços, ternos abraços

Da filha amada podes gozar;  
Priva-me a estrela de ti e dela,  
Busca dous modos de me matar!  
(apud SILVA, 1865, p.226)

Aqui, Alvarenga Peixoto manifesta a saudade que tem da amada e a perda da esperança em reencontrá-la. Atentando-nos ao texto, percebemos que, além do sentimento de saudade e desesperança, o poeta árcade caracteriza sua amada como a pessoa *que o meu destino sabes guiar*. Por meio desse verso, podemos notar que o eu lírico apresenta Bárbara como a guiadora das suas ações, o que, por sua vez, nos retoma a inteligência e sabedoria de Bárbara, que, como mulher da época, deveria ser guiada por seu esposo, o que não acontece nesse verso.

Ainda que Bárbara fosse, já em sua época, reconhecida por sua inteligência, a produção literária atribuída a ela é limitada. Mais comumente, apenas os poemas *Conselhos a meus filhos* e outro dedicado a *Maria Ifigênia* - filha que faleceu ainda jovem - são atribuídos a ela. Sua produção literária também é bastante controversa, já que muitos autores possuem opiniões divergentes quanto à atribuição desses poemas a ela. Um dos primeiros autores a mencionar Bárbara Heliadora como autora desses poemas foi Joaquim Norberto, em 1865, na obra intitulada *Obras poéticas de Inácio José de Alvarenga Peixoto*:

"Figurão também n'esta colleção, em ultimo lugar, as sextilhas *Conselhos a meus filhos*. É bem sabido que essa composição impressa no *Parnaso brasileiro* e atribuída a Alvarenga Peixoto, é antes produção de sua esposa D. Barbara Heliadora, a celebre poetista, de quem apenas nos restaram esses poucos versos"  
(SILVA, 1865, p. 19)

Nessa passagem, o autor Joaquim Norberto, além de afirmar que o poema *Conselhos a meus filhos* não é produção de Alvarenga, utiliza o adjetivo *célebre* para caracterizar Bárbara, expondo como a obra literária produzida por Bárbara é de grande valor. Mas, ainda que grandes autores como Joaquim Norberto relembre a grande poetista que foi Bárbara Heliadora, temos a poetista colocada à margem da historiografia literária brasileira, sendo esquecida – ou ignorada – quando se fala dos poetas árcades do século XVIII. Esse esquecimento faz com que grandes movimentos que ajudaram a escrever a história brasileira, como a Inconfidência Mineira, não apresentem a participação feminina na sua formação,



colaborando e dando continuidade para o apagamento da imagem feminina do processo de formação da História do Brasil. Nas palavras de Priore (2006, p.142), “essa pequena e silenciada multidão representa personagens anônimos de uma história sobre a qual ainda há muito que contar e aprender”

Considerando esses aspectos, é importante pensar sobre a exclusão das mulheres do campo literário, a qual está diretamente relacionada com as relações de poder presentes nas questões de gênero. Como mencionado, a poetista, quando lembrada, é tratada como uma esposa, que cuidou do marido e dos filhos fruto dessa relação, mas, raramente, como uma mulher, que embora tenha nascido em uma época em que mulheres não eram reconhecidas como sujeitos pensantes, conseguiu desenvolver uma bela escrita, a qual nunca foi publicada com seu nome, mas com o do seu esposo, quem na época detinha maior poder para isso por ser homem. Essas questões também resultaram na dificuldade de escolarização das mulheres, uma vez que o estudo não era ofertado a elas, e, quando ofertado para aquelas que faziam parte da elite, era de forma limitada e moralista. Logo, as mulheres não possuíam espaço na sociedade para serem escritoras, o que eleva ainda mais a poesia de Bárbara, pois, mesmo participando de uma sociedade que renegava o direito de educação as mulheres, conseguiu tornar-se uma grande escritora. Em *A educação feminina durante o Brasil colonial*, Tomé e Quadros (2012) trazem a citação de Sforini (1996), que descreve a educação feminina nesse período:

“[...] a descrição do papel social da mulher, no século XVIII, que apesar de já se verificar algumas mudanças em relação a sua educação, ainda permanecia a ideia de que ensinar ler e escrever era proporcionar a mulher os meios de manter correspondência amorosas, e que a costura e os trabalhos domésticos eram suas únicas ocupações próprias.” (SFORINI, 1996 apud TOMÉ e QUADROS, 2012, p.10)

Assim, temos novamente o papel da mulher na sociedade atribuído aos serviços domésticos e sob a institucionalização do poder patriarcal, que enxergava a escrita feminina apenas como um meio de se relacionar amorosamente, sem a capacidade de ver nelas a potencialidade para se tornarem escritoras. Por isso, faz-se extremamente importante salientar a grande poetista que foi Bárbara Heliodora, uma mulher que viveu no século XVIII, período em que mulheres eram subjugadas; não podiam ousar serem escritoras, mas, ainda sim, Bárbara Heliodora escreveu e tornou-se escritora.

### 3 O APAGAMENTO DA IMAGEM DE BÁRBARA HELIODORA

Muito mais do que uma boa mãe e muito mais do que a musa inspiradora do poema *Bárbara Bela*, de Alvarenga Peixoto, Bárbara Heliadora é conhecida como heroína da Inconfidência Mineira. Há relatos de que Bárbara participou ativamente da Inconfidência Mineira, contribuindo para a efetivação das ideias e dos planos dos inconfidentes. No entanto, segundo Mourão (1969), embora Bárbara Heliadora tenha certo reconhecimento em sua atuação histórica na Inconfidência Mineira, não há esforços para reconhecer Bárbara como escritora como há para outros poetas, a exemplo de seu esposo Alvarenga Peixoto. Muito devido a isso, a produção de Bárbara Heliadora que chega até nós não é extensa, além de serem poucos os textos que falam sobre a sua escrita e sobre a sua vida como escritora. Estudando a vida da poetista Bárbara Heliadora, observamos que a sua imagem, mais frequentemente, vem associada à imagem de esposa, mãe e dona de casa. Ser esposa de um dos principais poetas que atuou na Inconfidência Mineira, embora tenha contribuído para a sua formação como escritora, também colaborou, de certa forma, para a reprodução da imagem da mulher como esposa de alguém e não como mulher escritora, como relata Morelato:

O fascínio da trágica história de Bárbara comove não só pelo fato da sua queda de status social, mas pelos significados que engendram o seu esquecimento como poeta. Sua história não era contada pela História Oficial, a não ser como apêndice da história de seu marido: Alvarenga Peixoto, este sim visto como revolucionário. O sofrimento de Heliadora era muito pouco relatado, nunca contado por si próprio, mas pelo outro. (MORELATO, 2015, p. 07)

Assim, Bárbara Heliadora é, muitas vezes, lembrada como a esposa do poeta Alvarenga Peixoto e não como uma mulher poeta árcade brasileira. Essa forte associação do seu nome ao nome de seu esposo - sempre o apresentando como participante da construção da história brasileira e ela como a esposa dele - reforça a ideia de que esse apagamento está fortemente ligado às questões de gênero. O contexto sócio histórico que Bárbara Heliadora presenciou estabelecia um sistema com práticas de dominação sobre as mulheres – o poder patriarcal, caracterizado por ser um sistema baseado na tradição. Mas, ainda que sob esse contexto, a poetista teve notória participação na Inconfidência Mineira. Atipicamente, Bárbara Heliadora, mesmo sendo reduzida a figura de esposa pela sociedade setecentista, exercia forte influência sobre seu esposo. Percebemos isso durante a descoberta dos inconfidentes, que

motivou Alvarenga a delatar seus companheiros e cúmplices com o intuito de se livrar das penas que recairiam sobre ele e sua família. Mesmo sabendo das consequências, a poetista aconselhou seu esposo a não delatar os companheiros, o que mostra como ela era uma mulher de personalidade forte, que não se deixava conduzir pelas imposições da época.

Também há muitos relatos sobre o seu empenho maternal. Mãe de quatro filhos, Bárbara é retratada como uma mãe empenhada na educação dos filhos, principalmente na educação de Maria Ifigênia, que faleceu muito jovem. A perda da filha Maria Ifigênia, somado ao exílio de seu esposo e, posterior, confiscação de seus bens, causou-lhe grande dor e infelicidade, e são por esses motivos que Bárbara Heliadora acaba sendo lembrada, como uma esposa e mãe que passou por muitos sofrimentos ao longo de sua vida. Apesar de todo o sofrimento que cercou a vida da poetista, cabe a nós, aqui, ressaltar a importância de sua obra literária para a literatura árcade brasileira e os motivos pelos quais tem a sua história como escritora apagada da História, apresentando-a não apenas como uma mulher que foi esposa e mãe, mas também mulher escritora, poetista e mineradora, com grande participação em um dos maiores movimentos brasileiros, a Inconfidência Mineira. No entanto, a mulher do século XVIII pouco podia expor opiniões e pouco era vista e reconhecida por exercer atividades que, normalmente, eram destinadas e associadas ao gênero masculino, o que favoreceu o apagamento de muitas mulheres ao longo do curso da história, como aconteceu com Bárbara Heliadora.

O apagamento da poetista da história literária brasileira nos mostra o quanto a crítica literária pode agir de forma seletiva, selecionando as obras literárias masculinas e, por um longo tempo, ignorando as obras literárias produzidas por mulheres. A figura feminina não era vista ou ouvida, e o seu apagamento dos registros literários nos confirmam isso. Poucos são os registros críticos que nos apresentam Bárbara Heliadora como mulher poetista à frente de seu tempo, ou que analisam suas obras com maior empenho e profundidade como fazem com obras literárias masculinas da mesma época de Bárbara. Embora nas últimas décadas haja um maior movimento para conhecer figuras femininas que fizeram parte da história brasileira, ainda há um grande vácuo que precisa ser preenchido, fazendo-se necessário refletir e discutir o cânone literário, buscando colocar a figura feminina na história literária, mostrando aos leitores em formação que a história também foi construída por mulheres.

Pôr Bárbara Heliadora na história literária é colocar a história de uma mulher que nasceu e viveu no século XVIII, que sofreu com as condições do seu tempo impostas sobre as

mulheres e que, mesmo sob essas condições, teve a ousadia de assumir um relacionamento afetivo - que deu fruto a um filho – sem estabelecer um matrimônio oficial, contrariando as regras sociais e mantendo-se forte diante das críticas que a rodeava. Uma mulher que participou de uma conjuração quando mulheres não eram vistas como seres capazes de fazer política, demonstrando já nessa época consciência política. Uma mulher que conseguiu sozinha educar os filhos após a morte do seu esposo. Uma mulher que conseguiu gerenciar os negócios de mineração da família, apesar disso ser tarefa destinada ao gênero masculino e, além disso, escreveu poemas em uma época que mulheres não tinham grande acesso à educação e não tinham espaço para usar a voz. Colocar Bárbara Heliadora como a poetisa dentro da história literária é também uma forma de representar tantas figuras femininas que foram igualmente apagadas por fazerem parte de uma cultura patriarcal. Assim como essas figuras femininas, Bárbara Heliadora foi silenciada, mas a sua poesia - que, infelizmente, não é apresentada com o devido empenho que merece aos leitores- foi uma forma de resistência ao silêncio que impuseram sobre ela.

Em uma época que a figura feminina era anulada pela sociedade, Bárbara demonstrava-se rebelde, não se sucumbia às circunstâncias impostas a ela. A força da sua personalidade a fez ser uma mulher incomum ao seu tempo, desafiava os padrões sociais vigentes. Esse caráter rebelde pode ser observado pela forma como gerenciava as suas fazendas. Após a delação da Inconfidência Mineira, foi ordenada a prisão e, posteriormente, o exílio de Alvarenga Peixoto. A perda de seu esposo fez com que os seus negócios, bens e propriedades ficassem à mercê da Coroa Portuguesa. Bárbara teve a metade dos seus bens confiscados, além de uma redução considerável de seus patrimônios, o que gerou grandes consequências financeiras para ela. Conseguindo, então, continuar com a metade de seus bens, Bárbara passou a gerir os negócios de mineração da família juntamente com João Rodrigues de Macedo, sócio que arrematou a outra metade dos seus bens que foram confiscados.

Nesse século, eram pouquíssimas as mulheres que conseguiam participar ativamente das finanças de suas famílias, e as que conseguiam participar não obtinham reconhecimento, eram vistas como personagens coadjuvantes. Mesmo com as condições limitadoras que esse cenário produzia e lançava sobre a mulher, Bárbara Heliadora teve, para a manutenção do que lhe restava, que assumir os bens e os negócios da família. Segundo Casasanta (1957), há documentos que comprovam o gerenciamento das atividades de mineração por parte de

Bárbara Heliodora ou por pessoas a seu comando na Fazenda da Boa Vista e em outras propriedades. Esses documentos mostram que a situação financeira da escritora, após o decesso de seu esposo, permaneceu boa. A capacidade de administrar os negócios da família, em uma época que não se ensinava mulheres a gerir finanças e muito menos a oportunidade de deixá-las participar de atividades econômicas, nos apresenta a grande mulher que foi Bárbara Heliodora. Muito além de ser mãe e esposa, foi uma mulher com força para enfrentar as normas empregadas por uma sociedade patriarcal e com a capacidade e o empenho de exercer atividades destinadas majoritariamente ao gênero masculino. Para alguns historiadores, ainda sobre o julgo da Coroa Portuguesa, Bárbara Heliodora alegou profunda demência, o que permitiu que seu filho pudesse ficar com as propriedades deixadas por Alvarenga Peixoto, mas estudos mostram que a demência da poetista foi um recurso utilizado para não perder totalmente os seus bens, já que há documentos que comprovam a sua lucidez. Esse fato demonstra e reafirma a inteligência que possuía Bárbara Heliodora.

Por isso, contar a participação de Bárbara Heliodora na História é transformar a ideia trazida por muitos críticos de que ela era apenas uma mulher lembrada como a esposa de alguém, que viveu o drama da perda do esposo e da filha. Uma mulher escritora, rebelde, forte e revolucionária, que sobreviveu e ultrapassou as condições de seu tempo. Logo, faz-se extremamente necessário preencher as lacunas dessa história não contada, trazer para dentro da história a voz dessa grande poetista não lembrada. É pela ausência de textos que falam sobre a grande escritora Bárbara Heliodora e sobre a sua obra literária - o que proporciona a continuidade do apagamento da poetista arcadista - que nos dedicaremos a analisar os poemas que são atribuídos a ela, com a finalidade de trazer resistência a sua imagem.

#### **4 ANÁLISE DA OBRA POÉTICA**

Como mencionado, são poucas as obras literárias de Bárbara Heliodora que chegaram até nós, apesar dela ser uma importante personagem histórica e literária, que contribuiu para a formação da História do Brasil. Aqui, nos atentaremos à leitura e análise de três poemas, intitulados de *Conselhos a meus filhos*, *À Maria Ifigênia* e *O sonho*, com o propósito elucidar aspectos que fazem da poetista transcendente a sua época, ajudando a manter a sua obra poética viva e presente na atualidade.

#### 4.1 Conselho a meus filhos

Embora a obra poética de Bárbara Heliodora não seja vasta em quantidade, podemos, por meio da interpretação de seus poemas, traduzir muitas questões contemporâneas da sua época, que percorreram os séculos e ainda estão presentes nos dias atuais, ainda que se apresentem de forma distinta, devido à passagem do tempo, mas que possuem o mesmo centro de origem. Poderemos ver também como a poetista utilizava da escrita para expressar questões que fizeram parte da sua vida como mãe e inconfidente.

“[...] a poesia veio de novo acordar-lhe n’alma os acordes harmoniosos de sua lyra, entornar-lhe nas chagas do coração banhado e comprimido o balsamo da consolação e da esperança, mitigar-lhe o ardor doce e amargo da saudade, e traduzir seus gemidos, verter seus suspiros em versos sentidos, que se lhe desprendião dos lábios com o accento pungente da melancolia. (VEIGA, 1897, p.57)

Podemos observar algumas dessas questões em *Conselho a meus filhos*, poema dedicado aos filhos da poetista, com a finalidade de, como o próprio título sugere, aconselhar os filhos durante o percurso da vida deles. O poema foi publicado pela primeira vez em 1865, nas Obras poéticas de Inácio de Alvarenga Peixoto. É composto por doze estrofes, com seis versos cada estrofe, como se lê abaixo:

##### *Conselhos a meus Filhos*

Meninos, eu vou ditar  
As regras do bem viver,  
Não basta somente ler,  
É preciso ponderar,  
Que a lição não faz saber,  
Quem faz sábios é o pensar.

Neste tormentoso mar  
D'ondas de contradições,  
Ninguém soletre feições,  
Que sempre há de enganar;  
Das caras a corações  
Há muitas léguas que andar.

Aplicai ao conversar  
Todos os cinco sentidos,

Que as paredes têm ouvidos  
E também podem falar:  
Há bichinhos escondidos,  
Que só vivem de estudar.

Quer males evitar  
Evite-lhe a ocasião  
Que os males por si virão,  
Sem ninguém os procurar;  
E antes que ronque o trovão,  
Manda a prudência ferrar.

Não vos deixei enganar  
Por amigos, nem amigas,  
Rapazes e raparigas  
Não sabem mais que asneiar;  
As conversas e as intrigas  
Servem de precipitar.

Sempre que vos deveis guiar  
Pelos antigos conselhos,  
Quem dizem que os ratos velhos  
Não há modo de os caçar;  
Não batam ferros vermelhos,  
Deixem um pouco esfriar.

Se é tempo de professar  
De taful o quarto voto,  
Procura capote rôto,  
Pé de banco de bilhar,  
Que seja sábio pilôto  
Nas regras de calcular.

Se nos mandarem chamar,  
Para ver uma função,  
Respondei sempre que não,  
Que tendes em se cuidar:  
Assim se entende o rifão:  
Quem está bem deixa-se estar.

Deveis-vos acautelar  
Em jogos de paro e topo  
Prontos em passar o copo  
nas angolinhas do azar:  
Tais as fábulas de Esopo,  
Que vós deveis estudar.

Quem fala, escreve no ar,  
Sem por vírgulas nem ponto,  
E pode quem conta os contos,  
Mel pontos acrescentar;  
Fica um rebanho de tontos  
Sem nenhum adivinhar.

Com Deus e o rei não brincar,  
É servir e obedecer,  
Amar por muito temes,  
Mas temer por muito amar,  
Santo temor de ofender  
A quem se deve adorar!

Até aqui pode bastar,  
Mas havia que dizer,  
Mas eu tenho que fazer,  
Não me posso demorar,  
E quem sabe discorrer  
Pode o resto adivinhar.

(Apud SILVA, 1865, p. 182)

Como o próprio nome antecipada ao leitor, o poema tem o objetivo de aconselhar os filhos de Bárbara Heliadora para um *bem viver*. Na primeira sextilha, o eu lírico aconselha a ter ponderamento, “*Não basta somente ler/ É preciso ponderar*”, pois não bastava somente o conhecimento, deveriam interpretar, raciocinar, analisar as situações antes de tomarem qualquer decisão. Aqui, podemos observar que Bárbara Heliadora, por meio da sua poesia, demonstrava-se ser uma mulher sábia, que analisava as situações ao seu redor e, assim, aconselhava os seus filhos a serem também. A poetista sempre demonstrou grande empenho em proporcionar a seus filhos uma boa educação, e uma educação que não se resumisse as



lições de casa, mas que os fizessem ser inteligentes e audaciosos, assim como ela era diante das situações que a cercaram durante toda a sua vida.

A segunda sextilha inicia-se com o eu lírico apresentando o *tormentoso mar*, caracterizando como foi o tempo que viveu Bárbara Heliodora. Nesse momento, fazia-se extremamente importante não confiar em qualquer pessoa, pois existe uma enorme distância entre o que a pessoa deixa transparecer e o que ela realmente é, não sendo possível enxergar as verdadeiras intenções de cada pessoa apenas olhando para o exterior. Pelas essas estrofes iniciais, percebemos que o tempo vigente apresentado pelo eu lírico exigia muita sabedoria e força. Ter prudência e não confiar em qualquer pessoa eram elementos imprescindíveis para a sobrevivência daqueles que pregavam ideias divergentes das ideias da Coroa Portuguesa, durante a Inconfidência Mineira. A leitura dessas sextilhas apresenta-nos mais do que conselhos a filhos, mostra aos leitores como a poetista comportava-se frente ao contexto de qual fazia parte. A busca dos inconfidentes pela liberdade ia de contra aos ideais firmados pela Coroa portuguesa, que, no auge do ciclo de minério, não poderia conciliar a exploração das terras com o sentimento nacionalista, que começava a nascer. A busca pela liberdade faz surgir, então, além da revolta e da rebeldia, a incerteza do que aconteceria se os participantes desse movimento revolucionário fossem descobertos. Mais adiante, o eu lírico continua: “*Que as paredes têm ouvidos*”, ou seja, eles estariam sempre sendo observados e, mesmo que escondidos, poderiam ser pegos, configurando ideias contrárias às ideias impostas: “*Há bichinhos escondidos/ que só vivem de estudar*”, por isso deveriam ser prudentes – palavra que volta a aparecer novamente na quarta sextilha, reafirmando, assim, a sua importância de ser praticada nesse tempo tormentoso.

Cecília Meireles (1953), em *Romanceiro da Inconfidência*, elucida bem o medo que rondava os inconfidentes. O romance retrata, por meio da junção entre o épico e o lírico, a sociedade de Minas Gerais do século XVIII, principalmente dos personagens envolvidos na Inconfidência Mineira. O eu lírico, no *Romanceiro da Inconfidência*, volta ao passado de Minas Gerais, e faz o relato de um Brasil ainda colônia, comandado pela Coroa portuguesa, que fez surgir no íntimo dos indivíduos um movimento de contestação - a tentativa de separar o estado de Minas Gerais de Portugal, devido à grande descontentação dos indivíduos com a Coroa portuguesa. O cenário da Inconfidência Mineira é marcado pela revolta e rebeldia presentes nos inconfidentes, que buscavam a tão sonhada autonomia e liberdade. A rebeldia e a liberdade são evidentes nos trechos do *Romance XXIV* ou da *Bandeira da Inconfidência*:

“LIBERDADE, AINDA QUE TARDE/ ouve-se em redor da mesa./ E a bandeira já está viva/ e sobe, na noite imensa”. Inconformados com a Coroa portuguesa, os conjuradores buscavam e sonhavam pela autonomia: “*Liberdade - essa palavra/ que o sonho humano alimenta:/ que não há ninguém que explique/ e ninguém que não entenda!*”. A busca pela liberdade faz surgir, além da revolta e da rebeldia, a incerteza do que aconteceria após a concretização da tão sonhada revolução, e o medo do que poderia vir a acontecer com aqueles que participavam do movimento revolucionário, caso fossem descobertos: “E os seus tristes inventores/ já são réus - pois se atreveram/ a falar em Liberdade/ [...] Se a derrama for lançada/ há levante, com certeza/ Corre-se por essas ruas?/ Corta-se alguma cabeça?/ Do cimo de alguma escada/ profere-se alguma arenga?”. Esse cenário de medo, conspiração e injustiça, traduzido pela obra de Cecília Meireles, é apresentado como uma forma de pensar ou repensar o passado e o presente, fazer uma reflexão sobre o passado, que continua reverberando no presente. Cecília Meireles também faz uma reconstrução da personagem Bárbara Heliodora: “Mas a sorte é diferente/ de tudo que se imagina/ E eu vejo a triste donzela,/ toda em lágrimas e ruína,/ clamando aos céus, em loucura,/ sua desditosa sina.”, lembrando a imagem esquecida de Bárbara Heliodora e a valorizando.

Por meio dessas sextilhas, podemos observar a rebeldia de Bárbara Heliodora à sua época. Enquanto a mulher era vista apenas como um símbolo maternal, a poetista mostrava-se estar à frente. Mãe dedicada, mas uma mãe que não se reduzia aos estereótipos. Seus poemas nos mostram o seu empenho em educar e orientar os filhos, mas não da forma tradicional, buscava orientá-los a serem cautelosos em suas ações, a serem racionais e a não se deixarem influenciar por qualquer pessoa. Esses aconselhamentos refletem a grande inteligência que tinha Bárbara como mãe e também como mulher.

Nas sextilhas seguintes, o eu lírico continua trazendo orientações sobre como se deve agir diante das situações: “*Não batam ferros vermelhos/ Deixem um pouco esfriar*”. Aqui, o eu lírico recomenda a não praticar atitudes precipitadas e a pilotarem a sua vida sabiamente, não deixando ser guiados pelas ideias de outros: “*Que seja sábio piloto/ Nas regras de calcular*”. Os conselhos dados pelo eu lírico sempre se voltam ao pensar antes de qualquer tomada de atitude, e a não se colocarem em situações que resultem em problemas, como recomenda o provérbio popular: “*Quem está bem deixa-se estar*”. Os ensinamentos continuamente encaminham os leitores a não agirem de forma imprudentemente, “*Devei-vos acautelar*”, sustentando o caráter racional da poetista, que, diferentemente do que se esperava

das mulheres, era uma mulher que agia segundo os seus pensamentos, que tinha consciência crítica e reflexiva do seu tempo.

Para sustentar os aconselhamentos, o eu lírico ordena o estudo das fábulas de Esopo. Essas fábulas possuem caráter moralista como parte fundamental da sua narrativa, sendo a história um plano de fundo para a transmissão de ensinamentos, que visam à crítica ou à reflexão das ações humanas. Como na fábula *O cão e a máscara*, que conta a história de um cão que, ao procurar por um osso para roer, encontra uma máscara muito bela, mas desvia-se dela, pois, apesar de ser bonita, não possuía conteúdo. Assim, recomenda o eu lírico na segunda sextilha, ao orientar o leitor a não se deixar influenciar pelo exterior das pessoas, e na quinta sextilha, ao aconselhar que “*Não vos deixei enganar/ Por amigos, nem amigas/ Rapazes e raparigas*”. Assim, as fábulas são caracterizadas pela transmissão de mensagens em forma de ensinamento, como pretende fazer o eu lírico por meio desse poema ao trazer aconselhamentos sobre como se deve agir frente ao *tormentoso mar*. Não somente ler, mas estudar as fábulas é uma forma de aprender ensinamentos sobre as ações humanas e refletir sobre elas.

Bárbara Heliadora, mulher com postura política e à frente do seu tempo, quebrou padrões sociais - gerou uma filha antes da concretização do seu casamento, conservou o seu nome de solteira após o matrimônio, deu prosseguimento aos negócios da família e educou os filhos após o exílio do seu esposo. A poetista tinha grande preocupação com a educação dos filhos, como observamos nesse poema dedicado aos filhos. Em suma, aconselha-os que não serão apenas o conhecimento e o saber que irão fazê-los ter discernimento, mas sim o saber pensar, analisar e interpretar as situações, nas quais forem postos. Seu principal ensinamento é o refletir sobre as suas ações e avaliar qual será a melhor decisão a ser tomada a depender de cada situação. A autora ainda adverte para não deixarmos nos enganar pela aparência externa, examinar o conteúdo interior é imprescindível para evitar situações problemáticas.

Todos os concelhos mostram e reafirmam a mulher inteligente, audaciosa e sábia que era Bárbara Heliadora. Os aconselhamentos se voltam para, além de analisar as situações da vida, o cuidado de não serem pegos e ao não confiar em qualquer pessoa. Assim era como os inconfidentes e como as mulheres que não se encaixavam nos padrões impostos deviam agir. Eles não podiam pensar e agir livremente, sempre com riscos de serem denunciados à Coroa portuguesa e ao Clero, que exercia forte influência sobre a sociedade brasileira. A referência do eu lírico nesse poema a Deus e ao rei evidencia a submissão a qual estavam subjugados. A

coragem de escrever sobre as imposições pregadas pela Coroa portuguesa traduz a rebeldia de Bárbara Heliodora. O *bem viver* não seria, portanto, o *bem viver* esperado por uma sociedade mineradora, cercada por ouro e riquezas. O *bem viver* é viver sabendo refletir e analisar as ações humanas para conseguir manter as suas ideias, mesmo que contrarias as normas vigentes.

#### 4.2 À Maria Ifigênia

Princesa do Brasil, como chamavam Maria Ifigênia, conhecida por sua formosura, é a quem foi dedicado o poema escrito por Bárbara Heliodora para homenagear a filha durante a cerimônia de comunhão. Como apresenta Silva (1862), em *Brasileiras Célebres*, Bárbara Heliodora empenhou-se em conceder a filha uma boa educação, com excelentes professores que a ensinava línguas estrangeiras, além de dança, música e desenho. Infelizmente, Maria Ifigênia faleceu quando tinha apenas 13 anos, em consequência de uma queda de cavalo, o que trouxe grande angústia à sua mãe, como nos relembra Meireles (1953): “*Se o Brasil fosse um reinado/ poderia ser princesa/ - tal era a sua linhagem/ Mas seu campo andava em luto/ e era seu reino a tristeza*”. Bárbara, também lembrada por sua grande dedicação maternal, escreveu, em tom conselheiro, o poema *À Maria Ifigênia*, em dedicação à sua filha primogênita. O poema é formado por 14 versos - dois quartetos e dois tercetos - como se pede um soneto, forma bastante difundida e utilizada pelos poetas árcades, como pode ser lido abaixo:

##### A MARIA IPHIGENIA

Amada filha, é já chegado o dia,  
Em que a luz da razão, qual tocha acesa,  
Vem conduzir a simples natureza,  
E hoje que o teu mundo principia.

A mão, que te gerou, teus passos guia,  
Despreza ofertas de uma vã beleza,  
E sacrifica as honras e a riqueza  
A's santas leis do Filho de Maria.

Estampa na tu'alma a caridade,  
Que amar a Deos, amar aos semelhantes,  
São eternos preceitos da verdade;  
  
Tudo o mais são idéas delirantes;  
Procura ser feliz na eternidade,  
Que o mundo são brevíssimos instantes.  
  
(Apud SILVA, 1865, p.197-198)

Na primeira estrofe, Bárbara Heliodora apresenta tom maternal, caracterizado por carinho, afeto, amor e cuidado como se pode observar logo no início do poema, que é introduzido pelo adjetivo *amada*, utilizado para fazer referência à Maria Ifigênia, sua filha. Essa primeira estrofe é marcada essencialmente por elementos que remetem às ideias árcades e iluministas: “[...] *é já chegado o dia/ em que a luz da razão, qual tocha acesa/ vem conduzir a simples natureza*”. Bárbara Heliodora comunica à Maria Ifigênia a chegada de um novo dia - a comunhão - sobre o qual a luz da razão está acesa. Neste século, há a valorização de uma linguagem racional e sem rebuscamento, por isso, na poesia árcade, são bastante comuns elementos que fazem referência a iluminação. Isso é perceptível no emprego das palavras *dia*, *luz* e *tocha acesa*, as quais, muitas vezes, eram utilizadas para fazerem referência ao pensamento Iluminista, ideologia que privilegiava o clareamento das ideias, como nota-se pelo substantivo *luz* associado a *razão*, bem como *acesa* associa-se à *tocha*, todos em referência ao pensamento iluminista, que influenciou fortemente o pensamento arcádico. Esse *dia* composto por elementos que remetem a claridade irradante, a partir de agora, conduzir a *simples natureza* da filha, o que marca em sua poesia as ideias Neoclassicistas. O mundo sob a luz da razão principia para Ifigênia, perceptível pela presença dos advérbios *Já*, *em* e *hoje*, que ajudam a afirmar a ideia de que o *dia* realmente chegou.

Nessa primeira estrofe, temos versos escritos com o intuito de homenagear Maria Ifigênia no dia da sua primeira comunhão. A primeira Comunhão é para os católicos o início da vida em Jesus, é aqui que o cristão estabelece o seu vínculo com o filho de Deus, seguindo os seus ensinamentos e mandamentos, levando-os até a vida adulta.

A segunda estrofe traz ao texto novamente um tom maternal, dessa vez apresenta-se como um “ser” guiador da trajetória que irá ser percorrida pela filha, “*a mão que te gerou, teus passos guia*”, apresentará o caminho a ser seguido. Podemos aqui associar *mão* a

maternidade, pois o eu lírico afirma que ela *te gerou*, gerou Maria Ifigênia. O substantivo *mão* pode carregar em si várias significações a depender do contexto que é colocado, como proteção, benção e criação. Por meio da *mão* o eu lírico estabelece a relação maternal entre ela e Maria Ifigênia, que terá os seus passos guiados nesse novo dia por quem a gerou.

No segundo e terceiro verso da segunda estrofe, o eu lírico apresenta ao leitor um tom imperativo, dando uma ordem a sua filha - *despreza e sacrifica*. Essa negação está sempre relacionada aos elementos terrenos presentes no soneto - *beleza, honras e riqueza* -, como forma de demonstrá-los à Maria Ifigênia como algo ruim para a sua vida cristã. Como se pode observar, nesses versos estão presentes elementos ligados à religiosidade, que se seguirá ao longo de todo o poema. O eu lírico também adiciona à *beleza* o adjetivo *vã*, que possui um teor negativo, "*despreza ofertas de uma vã beleza*", o adjetivo carrega o significado de inútil, oco, ilusório, como são as coisas terrenas. O eu lírico ordena que Maria Ifigênia renuncie a vida terrena - "*sacrifica as honras e riqueza*" - em prol de "*às santas leis do Filho de Maria*" - assim como ordena Jesus "procurem as coisas que são do alto, onde Cristo está assentado à direita de Deus. Mantenham o pensamento nas coisas do alto, e não nas coisas terrenas". (BÍBLIA, Colossenses, 3, 1-2)

O eu lírico ao ordenar o desprezo e o sacrificio pelas coisas terrenas, estabelece uma oposição entre as coisas terrenas e as eternas. Em oposição à vida terrena, apresenta a vida eterna, que, por sua vez, seguem as santas Leis de Jesus Cristo, filho de Maria. Segundo os princípios que norteiam o cristianismo, a santidade é algo puro e perfeito, diferentemente das coisas terrenas que são vãs e, ao citar Maria, o eu lírico reafirmar o caráter, além de religioso, maternal do poema. Maria, mãe de Jesus Cristo, é a principal personagem do catolicismo que simboliza a maternidade. Assim, é estabelecida uma oposição entre Terra e Céu, pecado e santidade, como duas coisas que devem ser separadas.

Na estrofe seguinte, o eu lírico traz a ideia de *Caridade* para dentro do texto como uma característica e ação que deve ser empregada pelos cristãos, "*estampa na tua alma a Caridade*". Além de a filha renunciar e desprezar a vida terrena, ela deve ter, ou melhor *estampar*, os princípios cristãos em sua alma, pois "*amar a Deus, amar aos semelhantes/ são eternos preceitos da Verdade*", fazendo, aqui, menção ao versículo bíblico "Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toso o teu espírito [...] Amarás teu próximo como a ti mesmo" (BÍBLIA, Mateus 22, 37-38).

Ainda em referência às escrituras bíblicas, o eu lírico traz a *Verdade*, que, para o

cristianismo, é a palavra de Deus. Segundo isso, Jesus é a Verdade para os cristãos, pois, como revela a Bíblia, “Eu sou o caminho, a **verdade** e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim.” (BÍBLIA, João, 14, 6). Como nos traz os versículos bíblicos, Jesus é quem revela à humanidade os ensinamentos de Deus - “[...] a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo. Ninguém mais viu Deus. O Filho único, que está no seio do Pai, foi quem o revelou.” (BÍBLIA, João 1, 17-18). Assim, Jesus é quem revela à humanidade a Verdade e ela liberta o homem da vida e das coisas terrenas, garantindo-lhe a Eternidade, como está escrito em João, 8, 31-32: “ Se permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente, sereis meus discípulos e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”. Seguir a Verdade, renunciando a vida terrena, garantiria à Maria Ifigênia a vida eterna.

Mais adiante, na última estrofe, o eu lírico continua acrescentando ao texto elementos terrenos em oposição aos da vida eterna: “*Tudo o mais são ideias delirantes/ procura ser feliz na Eternidade/ que o mundo são brevíssimos instantes*”. No primeiro e terceiro verso dessa estrofe, “*ideias delirantes*” e “*brevíssimos instantes*” são postos como características da vida terrena. Tudo aquilo que não se alinha ao pensamento cristão são *ideias delirantes*, não é a Verdade pregada por Jesus Cristo. A vida terrena é efêmera - *brevíssimos instantes* -, por isso, a autora orienta sua filha a “[...] *ser feliz na Eternidade*”, que, diferentemente da vida terrena, não é passageira.

É importante observar que, ao referir-se a alguns conceitos cristãos, o eu lírico escreve-os com letra maiúscula (*Filho - Jesus Cristo -, Caridade, Verdade e Eternidade*), o que não ocorre com termos relacionados à vida terrena. Conforme Meier (1948), o uso de letras maiúsculas em textos poéticos – excetuando-se em caso de questão ortográfica – pode ser utilizado com diversas finalidades. Por vezes, a utilização de letra maiúscula em um grupo de determinadas palavras é utilizada para apresentar um campo semântico, como o campo semântico religioso. Como já visto, a autora utiliza letra maiúscula somente em palavras que fazem parte, no contexto do poema, do campo religioso. A aplicação desse recurso diferencia as palavras desse campo semântico das que se enquadram no campo semântico das coisas terrenas. Ainda segundo Meier (1948), autores, em textos poéticos, podem estabelecer hierarquia ente os elementos de campos semânticos divergentes, de acordo com a ordem de importância ou de poder: o campo semântico religioso e terreno relacionam-se por meio de uma hierarquia estabelecida pelo eu lírico: dentro do contexto exposto, as palavras que fazem parte do campo semântico religioso – com letra maiúscula - possuem maior importância do

que as palavras do campo semântico terreno, já que a finalidade do poema é orientar Maria Ifigênia a seguir os preceitos da vida cristã. Em síntese, o eu lírico traz, por meio do poema, vários conceitos bíblicos para orientar Maria Ifigênia a renunciar os prazeres terrenos, com o intuito de fazê-la alcançar a Eternidade por meio da Verdade pregada por Jesus, o Filho de Maria. Silva (1865) elucida aos leitores que esse poema é formado por fundamentos morais cristãos, que, no século XVIII, eram centrais e norteavam a vida das pessoas, principalmente, a das mulheres, as quais, excluídas de outros ambientes, concentravam-se nos afazeres de uma vida religiosa, como também bem afirma Priore:

“Em que lugar encontraríamos a mulher mineira? Começemos pela negação, que parece ter sido a característica central na vida dessas mulheres. Estiveram nas Minas excluídas de qualquer exercício de função política nas camaras municipais, na administração eclesiásticas, proibidas de ocupar cargos na administração colonial que lhes garantissem reconhecimento social. Os papéis sexuais na colônia reproduziam o que se conhecia na metrópole.” (PRIORE, 2006, p.142)

Logo, os campos de exploração permitidos às mulheres se restringiam a vida materna e religiosa, talvez, por isso, esse fosse um dos principais temas abarcados pela poetista em sua escrita ao tentar aconselhar os filhos em ambos os poemas apresentados. Percebemos, então, que a obra poética de Bárbara é constituída, no geral, por um tom conselheiro e moralista – o que é de se esperar, considerando a sua dedicação na educação dos filhos; mas também apresenta a figura da razão, de forma explícita e implícita, ao trazer elementos que remetem a clareza - próprio do Iluminismo - e ao sempre orientar seus filhos a analisarem cada situação de forma sábia, “*quem faz sábios é o pensar*”.

Além dos poemas *Conselhos a meus filhos* e *À Maria Ifigênia*, Varnhagen (1850), em *Florilégio da poesia brasileira*, também atribui o poema *O sonho* a Bárbara Heliodora, afirmando ser difícil de acreditar que esse poema seja de autoria de Alvarenga Peixoto, além de ressaltar Bárbara como uma poetista de renome. Diferente dos outros poemas, que são marcados por um tom maternal, familiar e conselheiro, o poema que se segue apresenta uma temática distinta. Embora os primeiros poemas apresentados sejam em dedicação aos filhos, esse nos apresenta a figura do índio sob o viés arcádico e a forma como se deviam comportar diante da Coroa portuguesa.



## O Sonho

Oh que sonho! Oh! que sonho eu tive n'esta,  
Feliz, ditosa e socegada sésta!  
Eu vi o Pão de Assucar levantar-se  
E no meio das ondas transformar-se  
Na figura de um indio o mais gentil,  
Representando só todo o Brazil.  
Pendente ao tiracol de branco arminho  
Concavo dente de animal marinho  
As preciosas armas lhe guardava;  
Era thesoiro e juntamente aljava.  
De pontas de diamante eram as setas,  
As hásteas d'ouro, mas as pennas pretas;  
Que o indio valeroso altivo e forte  
Não manda seta, em que não mande a morte,  
Zona de pennas de vistosas côres  
Guarnecida de barbaros lavores,  
De folhetas e perolas pendentes,  
Finos chrystaes, topazios transparentes,  
Em recamadas pelles de saphiras,  
Rubins, e diamantes e saphiras,  
Em campo de esmeralda escurecia  
A linda estrella, que nos traz o dia.  
No cocar... oh que assombro! oh que riqueza!  
Vi tudo quanto póde a natureza.  
No peito em grandes letras de diamante  
O nome da augustissima imperante.  
De inteiriço coral novo instrumento  
As mãos lhe occupa, em quanto ao doce accento  
Das saudosas palhetas, que afinava,  
Pindaro americano assim cantava.

Sou vassallo e sou leal,  
Como tal,  
Fiel constante,  
Sirvo á glória da imperante,  
Sirvo á grandeza real.  
Aos elysios descerei

Fiel sempre a Portugal,  
Ao famoso vice-rei,  
Ao illustre general,  
Ás bandeiras, que jurei,  
Insultando o fado e a sorte,  
E a fortuna desigual,  
Qu'a quem morrer sabe, a morte  
Nem é morte, nem é mal.  
(VARNHAGEN, 1946, p.30)

A figura do índio é usada como símbolo do Brasil -“*representando só todo o Brazil*”. Ele é apresentado como um ser gentil, mas também como um guerreiro – altivo e forte -, que carrega consigo armas e tesouros – *diamantes, pérolas, topázios, rubis, cristais, esmeraldas*. Ao citar todas essas riquezas, representadas por pedras preciosas, o eu lírico mostra ao leitor, por meio da figura do índio, a forma como enxergavam o Brasil colônia. O Arcadismo dá início ao movimento nativista, que projetava na imagem do índio as grandezas encontradas no Brasil pelo Império português, como as potencialidades econômicas. Essa forma de visualizar o Brasil se relaciona ao momento histórico vigente, o ciclo do ouro. As várias riquezas encontradas no Brasil, como o descobrimento de minérios em Minas Gerais, que possibilitava grande extração de ouro - principal atividade econômica no período colonial – moldavam a forma como enxergavam o país colonial.

Além de nos apresentar a forma como o Brasil colônia era visto, por meio da imagem do índio, o eu lírico nos mostra o relacionamento baseado na fidelidade que se deveria ter com a Coroa portuguesa, louva e dedica lealdade ao Império português. Temática bastante comum na época, devido ao imperialismo e à grande pressão que a Coroa portuguesa colocava sobre muitos poetas para relataram sobre os seus feitos.

## **5 FONTE TEÓRICA**

### **5.1 Literatura Comparada**

Nesse trabalho não enxergamos Bárbara Heliodora apenas como uma personagem histórica e literária pertencente ao passado da formação da História brasileira, mas como uma poetista que transgrediu ao seu tempo e que sobrevive ainda hoje. Por isso, para podermos pensar a valorização da poetista e a de sua obra na atualidade, proporemos observar o diálogo

que a obra de Monica Sifuentes, publicada em 2015, intitulada de *Um poema para Bárbara: A história de amor que ajudou a escrever a História do Brasil*, faz com a personagem histórica Bárbara Heliodora por meio dos estudos comparados. Para dar sustentabilidade ao trabalho, traremos agora uma breve apresentação sobre a Literatura comparada.

Segundo uma interpretação considerada superficial do que é Literatura Comparada, notamos que o estudo da comparação visa à comparação de obras literárias, buscando encontrar semelhanças ou diferenças presentes em obras confrontadas. Conforme Carvalho (1986), o objetivo da análise comparada não é apenas a comparação em si, mas sim um meio para atingir um objetivo maior. Para compreendermos melhor o seu objetivo, é necessário realizar um percurso sobre a história da Literatura Comparada.

A partir da década de 60, muitos estudos sobre a literatura comparada passaram a registrar as diferenças entre a literatura brasileira e a literatura europeia, fazendo com que os estudos sobre a literatura comparada ganhassem mais vida. O crescimento dos estudos sobre literatura comparada proporcionou o nascimento da Associação Brasileira de literatura Comparada. O surgimento da associação ganhou vida após a consolidação dos processos de formação da literatura brasileira em paralelo com a europeia, o que possibilitou elaborar uma literatura comparada sob a perspectiva brasileira. Tania Franco Amaral foi a primeira professora a ministrar cursos na ABRALIC. Tania desenvolveu uma extensa pesquisa sobre o desenvolvimento da literatura comparada como um campo de estudo, desde o seu surgimento até mais recentemente. Podemos observar em sua pesquisa que, durante o percurso do desenvolvimento dos estudos da literatura comparada, houve várias concepções diferentes do que seja literatura comparada. Desde o seu surgimento, discute-se sobre o seu objeto de estudo, métodos e objetivos, bem como as ligações que as diversas obras literárias possuem entre si quanto ao conteúdo e à forma. Os autores que a estudavam eram orientados por influências e bases diferentes. Muitos autores definiam esse campo de estudo literário como a comparação estabelecida entre duas ou mais obras literárias. Outros a definiam como o estudo dos fenômenos literários das obras nacionais ou, ainda, a relação das obras com outros campos de estudo. Os primeiros questionamentos trazidos por esse campo de estudo dava-se em relação à cultura e à identidade nacional, comparando obras literárias nacionais com a finalidade de construir uma literatura universal, preocupando-se, principalmente, em estudar o diálogo internacional existente entre obras com nacionalidade distintas.

A literatura comparada nasce, como um campo do estudo literário, no final do século

XIX na Europa, mas consolida-se como um campo de estudo no século XX, tornando-se disciplina em Universidades europeias e norte-americanas. No século XIX, os estudos sobre literatura comparada iniciou-se na Europa, com maior difusão e ênfase na França. Nessa época, a comparação era realizada com o objetivo de comparar estruturas de obras literárias para obter leis gerais. Os estudos ganharam fôlego com a Escola francesa, que estudava as relações causais entre as obras e os autores, com forte ligação com a historiografia literária. Neste período houve muitos questionamentos sobre a diferença entre literatura geral e literatura comparada. Para essa escola, a literatura geral era uma visão sintética das literaturas, já a literatura comparada seria o reconhecimento de fatos comuns entre literaturas. A escola francesa possuía uma visão historicista, sem crítica textual. Em contraponto com a Escola francesa, a Escola norte-americana privilegiava a análise do texto literário. Outras escolas também possuíam ideias diferentes da Escola francesa, como a dos soviéticos, que compreendia a literatura comparada como produto da sociedade, e a dos russos, que se dedicava ao estudo literário em si.

Já no século XX, os estudos sobre o funcionamento dos textos literários se ampliam. Como nos relata Carvalhal (1986), René Wellek rompe com a escola francesa, dando espaço para o surgimento da escola americana. Diferentemente da escola francesa, que buscava a elaboração da história da literatura geral, a partir de métodos historicistas, valorizando concepções positivistas e lineares da história, René Wellek preocupava-se com a interação entre a história, a crítica e a teoria da literatura. Segundo ele, a literatura comparada é uma disciplina interdisciplinar, uma vez que se relaciona com obras de diferentes culturas - é uma atividade crítica. A escola americana, inspirada no formalismo russo e no estruturalismo, aceitava o estudo comparatista na literatura nacional, o que não acontecia na escola francesa, que estudava a comparação entre obras de nacionalidades diferentes. Apesar desse avanço em relação à escola francesa, a escola americana, baseada no formalismo, acreditava que o valor de uma obra era definido a partir da sua literariedade, segundo os seus elementos textuais. Devido a isso, a escola americana não valorizava as ligações existentes entre a literatura, cultura, política e história.

Carvalhal (1986) também ressalta a proposta de Etiemble, no século XX, que defendia a importância da literatura comparada dedicar-se a literaturas marginais, como as latino-americanas, argumentando que a Literatura geral preocupava-se apenas com a literatura europeia e norte-americana, marginalizando as demais nações que produziam literatura. Dessa

forma, ele propõe a interação entre a investigação histórica e a reflexão crítica. Iniciou-se, então, um questionamento e uma revisão sobre o cânone literário. Começaram a reivindicar a literatura produzida por grupos marginalizados, que tiveram a sua história contada, na tentativa de abrir espaço dentro do cânone para elas, como grupos feministas que começaram a lutar pela produção literária de mulheres colocadas à margem da historiografia literária.

No Brasil, durante o século XX, os críticos brasileiros seguem uma proposta diferente da defendida pela escola francesa. Mesmo antes da literatura comparada ser definida como um campo de estudo, havia no Brasil a sua prática em ensaios, ainda que os críticos não a reconhecesse como um campo de estudo. Na década de 30, a literatura Comparada consolidou-se como um campo do conhecimento na Universidade Brasileira. Destacamos também o crítico Antônio Candido por sua grande contribuição aos estudos comparados. Candido introduziu, na década de 60, a disciplina na Universidade de São Paulo. Notamos em seus ensaios críticos o estudo comparatista mesmo antes de introduzir a disciplina a Universidade de São Paulo. Candido também apresenta em seus ensaios a relação entre Brasil e Europa, assim como a literatura brasileira e o seu contexto, analisando, para além da literariedade, as relações políticas e ideológicas que constituem a Literatura brasileira.

Por isso, a comparação não é um procedimento que se reduz à averiguação de semelhanças ou diferenças entre obras literárias. O confronto que se estabelece entre obras literárias é realizado com a finalidade de analisar e interpretar aspectos concretos presentes nas obras por meio do paralelismo, que possibilita a exploração das obras, a qual, por sua vez, ajuda a alcançar o objetivo desejado. A literatura comparada é, portanto, utilizada como um recurso analítico e interpretativo, pois nos permite a possibilidade de decifrar e explanar aspectos literários, linguísticos e históricos. Ela não se resume a comparar obras, buscando generalizações ou diferenças. Podemos, graças a ela, aclarar questões que fazem parte de diferentes períodos ou obras em diferentes contextos, como acontece com a figura de Bárbara Heliadora e a obra de Monica Sifuentes, separadas por três séculos. O diálogo existente entre a figura de Bárbara e a obra de Sifuentes nos permitirá observar e analisar o processo de silenciamento e apagamento que sofreu Bárbara Heliadora, assim como tantas outras escritoras, mas que é resgata por Monica Sifuentes, a qual revivencia a imagem da poetista, colocando-a e valorizando-a na atualidade. Estabelecer um paralelo, entre contextos diferentes, possibilitará enxergar como a poetista sobreviveu ao seu tempo, fazendo-se, por

meio de Monicas Sifuentes e desse trabalho, presente na atualidade, mesmo que a mercê do silenciamento imposto sobre as mulheres.

Logo, não vemos a literatura comparada apenas como uma mera comparação entre textos ao decorrer da História, mas como um processo de visita ao passado, que nos permite definir o presente, realizando, assim, um diálogo entre o passado e o presente, como veremos acontecer na obra de Monica Sifuentes ao trazer para a atualidade a figura de Bárbara Heliadora.

## **5.2 Um poema para Bárbara Heliadora**

Juíza desde 1992 e atualmente desembargadora do Tribunal Regional Federal da 1ª Região, Monica Sifuentes é uma mineira formada em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais, com mestrado em Direito Econômico, também pela Universidade Federal de Minas Gerais, e doutorado em Direito Constitucional pela Universidade de Lisboa, em Portugal, onde viveu parte da sua vida e pôde participar do Curso de Formação dos Magistrados portugueses. Sifuentes também atua como docente na área do Direito Econômico e Constitucional, além disso, possui várias participações em Comissões e várias condecorações, que foram recebidas durante a sua formação.

Além da sua larga experiência e atuação na área do Direito, tendo uma quantidade significativa de livros e artigos jurídicos publicados, Sifuentes demonstra grande paixão pela História e Literatura. Essa paixão foi um dos motivos que a encorajou a publicar o livro *Um poema para Bárbara*. Sifuentes (2015) relata que, após uma viagem realiza a Ouro Preto, Minas Gerais, foi tocada por um espírito que a convenceu de que ela poderia contar uma parte da história de Minas Gerais, que é marcada por muita esperança, mas também por muito sofrimento. A lembrança daqueles que participaram e escreveram a história – os poetas, os intelectuais, os escravos, os mineradores, os homens e as mulheres de São João Del Rei – a fizeram ter a coragem de se aventurar na Literatura e a escrever a história de amor que ajudou a escrever a História do Brasil.

A autora publicou em 2015 o livro *Um poema para Bárbara Heliadora: A história de amor que ajudou a escrever a História do Brasil*. Fruto de uma extensa pesquisa, *Um poema para Bárbara Heliadora* é um romance que mescla História e ficção. Retornando à sociedade mineradora de Minas Gerais, durante o século XVIII, Sifuentes nos apresenta uma história de amor intrigante, apaixonante, ataçadora e atraente, que prende a atenção do leitor ao retratar,

não somente um romance vivenciado por um casal, mas, também, como esse romance fez parte e ajudou a construir a História do Brasil, permitindo, assim, que o leitor adentre e faça parte dessa história fascinante, que também é a sua história. Assim, Sifuentes tenta, por meio desse romance, fazer o leitor conhecer a sua história e, para que isso aconteça, é necessário penetrar o passado e reviver aqueles que a construíram a História.

Essa história de amor nos leva a revivenciar e elucidar um dos principais momentos e movimentos que ajudou a delinear a História de Minas Gerais e a do Brasil, a Inconfidência ou Conjuração Mineira. Assim como a Inconfidência Mineira, a trama é tecida por personagens que ergueram em suas almas a busca pela liberdade intelectual, a contestação às normas vigentes e a coragem de se afirmarem, mesmo em uma época que a revolta significa a ruína.

Como parte fundamental da História, a trama nos apresenta com riqueza de detalhes à sociedade mineira setecentista, que muitas vezes é esquecida. A longa biografia utilizada por Sifuentes presenteia o leitor com significativas informações sobre a constituição da sociedade mineira do século XVIII, as suas relações sociais, os seus personagens, as suas ideologias e aspirações, bem como aos poemas árcades, aos poetas, à Arcádia, ao governo pombalino e às relações sociais e econômicas estabelecidas no Brasil colônia.

O cuidado que autora teve em traduzir as informações históricas para dentro da ficção permite que o romance seja maior que uma simples história de amor, pois, por meio dessa história de amor, nos é revelado a grande poetisa Bárbara Heliadora, escritora, como já vimos, muitas vezes apagada da História brasileira e literária. Ao lermos esse romance, nos deparamos com a vida de Bárbara Heliadora, que é cercada por medo, angústia e sofrimento, mas também por revolta, rebeldia e paixão. Assim, o livro nos apresenta à história dessa mulher letrada, revolucionária, audaciosa e apaixonada.

O livro é dividido em cinco partes e se inicia relatando a vida do poeta Alvarenga Peixoto, cercado por paixões e dívidas, Alvarenga vive em Lisboa à custa do tio Sebastião, que sustenta os seus estudos e – sem ter total conhecimento – a sua vida boêmia e as suas farras. Alvarenga forma-se em Direito e passa a exercer cargo de juiz, mas continua a nutrir paixão pela poesia. Reunia-se com amigos e poetas portugueses e brasileiros para falar sobre poesia e apresentar as suas composições poéticas. O poeta retorna ao Brasil, mais precisamente a São João Del Rei, para ser ouvidor da comarca do Rio das Mortes, onde conhece e se apaixona pela bela jovem Bárbara Heliadora. A beleza e a inteligência da jovem

deixa o poeta - até então conhecido por ser um homem ativo, que sabia como comportar-se frente à sociedade e às mulheres – embebecido, gagueja ao falar com moça, que conquistou seu coração em poucos instantes. Embora Alvarenga demonstrasse interesse pela jovem, Bárbara tentava não nutrir e demonstrar sentimentos pelo ouvidor, mantinha a esperança da realização matrimonial com seu amigo de infância, Antônio Luís. Mas, apesar dos seus exaustivos esforços em manter-se longe de Alvarenga, a paixão a arrebatou, e os dois começaram um romance, que se tornou um dos mais célebres romances da História brasileira. A grande singularidade desse romance dá-se pela forma como Bárbara Heliodora apresenta-se à frente do seu tempo. Manteve o seu relacionamento com Alvarenga, mesmo que, segundo a Lei, ele não pudesse firmar o matrimônio. Gerou um filho antes da realização do casamento e, mesmo, após a concretização formal do casamento, Bárbara manteve-se como uma mulher de opiniões fortes e de grande inteligência ao orientar o esposo em suas decisões e ao produzir os seus poemas pouco conhecidos.

O romance vivido pelos poetas sofre com as exigências impostas pela sociedade mineira e se entrelaça às ideias da Inconfidência. Assim, o livro de Monica Sifuentes consegue nos revelar, por meio de uma história de amor, a história de uma mulher escritora que, mesmo sob as normas de uma sociedade patriarcal, impõe-se às normas vigentes e se declara uma mulher forte, poetista e ousada.

Então é por meio da ficção ligada a fatos históricos que Sifuentes nos apresenta a história de Bárbara Heliodora. A relação entre poesia e história é uma discussão antiga, presente desde Aristóteles, que definiu a poesia como algo universal, tendente mais a filosofia. Nela o poeta representa ações, pratica a mimese - imita a natureza da ação humana -, tornando o tempo um campo secundário na narrativa. Já a história é particular, visto que narra apenas o que aconteceu, de acordo com um tempo único, deixando, então, a ação de lado. Segundo as ideias apresentadas por Lukács (2009), a poesia é uma unidade indestrutível do singular e universal, mas, mesmo que seja universal, nunca destrói as singularidades do tempo presente. Logo, para ele, a poesia não seria o contrário de história e, sim, o seu contraponto dialético. Conforme Bastos (2016), Aristóteles contrapôs a poesia à história, pois a poesia seria aquilo que pode vir a acontecer, enquanto a história aquilo que aconteceu no passado. Para ele, a literatura não pode estar desvinculada da história, pois ela expressa ações e emoções humanas, parte do método de figuração do real, da ação humana dentro da história - a verossimilhança – e apropria-se dos campos da ciência para entender e refletir as ações



humanas em dados momentos históricos. E apesar de dotada de imaginação, a literatura é fruto do contexto em que repousa e não pode desvincular-se dele, já que os elementos da imaginação, mesmo parecendo “fictícios”, também advêm da realidade humana e, através do fazer poético, expressam-se de variadas formas.

Assim, podemos perceber que relação entre literatura e história é construída de maneira singular em *Um poema para Bárbara*, pois conta, por meio dos registros históricos sobre a Inconfidência Mineira, a história de Bárbara Heliadora, levando os fatos a repercutirem subjetivamente nos leitores, que passam a ser indivíduos envolvidos na trama da história. A autora não narra nesse romance apenas figuras históricas ou momentos históricos - não é uma quantificação de fatos históricos-, mas, sim, a resistência da imagem de uma mulher poetista. A narração dos acontecimentos não fica apenas na dimensão história, apresenta como essa dimensão pode nos fazer reviver, por meio da literatura, personagens apagadas, mas que resistem a seu tempo e ainda se fazem presentes nos dias atuais. Logo, mais do que representação de fatos históricos, há uma reflexão sobre eles, pois os fatos históricos presentes no romance servem para refletir sobre, além da formação da nação brasileira, o papel que a mulher escritora exerce na sociedade. Assim, ao escrever sobre a vida de Bárbara Heliadora, Sifuentes nos permite colocar a poetista, bem como sua obra literária, na atualidade, pensando na valorização da obra de Bárbara no contexto atual, a qual, por muito tempo, teve sua imagem à margem da História e da Literatura brasileira.

Para que possamos enxergar mais claramente a figura histórica e ficcional de Bárbara Heliadora, como uma mulher transgressora ao seu tempo e que se mantém presente na atualidade, mostraremos, a seguir, o diálogo que se faz presente entre a obra de Mônica Sifuentes e a imagem de Bárbara Heliadora, tentando pensar na valorização da poetista, que é pouco reconhecida atualmente.

### **5.3 Um poema para Bárbara Heliadora**

Na obra de Monica Sifuentes, temos, como mencionado, a descrição da história de amor de Bárbara Heliadora e Alvarenga Peixoto. Na primeira parte do livro, a autora apresenta ao leitor Alvarenga Peixoto, descreve a sua relação com os amigos, os seus vários relacionamentos amorosos e o seu endividamento ocasionado pela sua paixão à vida noturna que Lisboa o proporcionava. Nesta parte, temos a descrição de uma típica figura masculina, que se opõe ao que se espera da figura feminina. Um homem que, apesar de praticar tudo

aquilo visto como pecaminoso para a imagem feminina, permanece sendo visto como uma figura de poder. Na segunda parte do livro, o narrador nos apresenta, além da Bárbara Heliadora, a forma como uma mulher era crida para se comportar na sociedade.

“Aprenderam as moças, ademais, tudo o que se deveria saber para conseguir um bom casamento, como a maneira de se portar à mesa e em sociedade, como dançar, bordar e, do mesmo modo, como organizar a casa e a criadagem”. (SIFUENTES, 2015, p. 118).

Nessa passagem, o narrador deixa claro que tais exigências - dançar, bordar, organizar a casa e a criadagem - são impostas às mulheres pela sociedade “a maneira de se portar [...] em sociedade”, com a finalidade exclusiva de formar mulheres submissas aos homens para que a ideia do homem como figura superior mantenha-se.

Adentrando a História, observamos que a construção da identidade feminina percorreu, ao longo da História, o mundo masculino, sendo vista como oposta a masculina. A diferenciação sexual foi estabelecida culturalmente para manter a figura masculina na posição mais elevada de poder nas mais diversas esferas – social, cultural, econômica, religiosa, profissional e tantas outras. Assim, a identidade feminina tornou-se um apêndice da figura masculina, sua valorização liga-se à figura dele, por isso, a mulher não possuía poder reconhecido perante a sociedade. Esse comportamento esperado da identidade feminina é a tradução dos interesses de uma sociedade estruturalmente construída segundo o viés das relações de gênero, diferenciando os sexos para dar sustância aos seus interesses. Assim, a organização da sociedade dá-se por meio da divisão sexual, estabelecendo a forma de participação e os papéis que os homens e as mulheres devem cumprir, como no mundo do trabalho, no qual a sociedade limitou – e, de certa forma, ainda tenta limitar – a atuação da mulher de forma efetiva e plena.

Opostamente, dava-se a criação para o sexo masculino, como afirma o narrador - “Os filhos do advogado tiveram, por isso, professores particulares que lhes ministravam aulas de francês, gramática, literatura e música.” (SIFUENTES, 2015, p. 118). Percebemos, por meio desses trechos, a forma de organização de uma sociedade pautada pelas relações de poder, na qual os homens, diferentemente das mulheres, sempre participaram de espaços políticos, econômicos, sociais e culturais negados às mulheres, simplesmente por serem do gênero

feminino. Criados para serem a figura central da sociedade, a eles é dado a legitimidade do poder.

Devido a esse tipo de organização da sociedade, criou-se um estereótipo da imagem feminina, que a reduz à, como diz a expressão popular usada atualmente, “bela, recatada e do lar”. Expressão infeliz que objetifica a imagem feminina, construindo e disseminando o que seria a idealização da mulher perfeita aos olhos da sociedade. Todos esses atributos que caracterizam o estereótipo feminino foram criados para saciar os desejos masculinos. A mulher deve ser bela para satisfazer os olhares masculinos; deve ser recatada, pois a mulher cabe ser contida e disciplina, zelando pela imagem pública do marido; deve ser ‘do lar’, já que é a sua função realizar os serviços domésticos e criar os filhos. Com o intuito de controlar o comportamento feminino, delimitam-se os espaços que elas podem participar e, assim, prende-as no espaço doméstico. Portanto, à mulher resta a função de administrar o lar e velar a família, educando os filhos e amando o marido, ao qual deve estar sempre em estado de submissão.

O narrador continua, “Encontrar um bom rapaz para as filhas era tanto para D. Maria Josefa como para as mães do século XVIII, o maior objetivo das suas vidas.” (SIFUENTES, 2015, p. 118). O maior objetivo - objetivo imposto - da vida das mulheres era a realização do casamento e, conseqüentemente, da criação dos filhos, da administração do lar, e dos cuidados com o esposo, não as permitindo entrar e participar de espaços destinados ao homem. Assim, a sociedade cumpre o seu objetivo de limitar as mulheres a espaços domésticos, fazendo-as, por muito tempo, acreditar que essa era a sua função dentro da sociedade, que pré-estabelece os papéis de acordo com o gênero, dando continuidade ao seu interesse de manter o homem como a figura máxima de poder.

Mais adiante:

Sua mãe se lamentava ao descrever para as amigas, um tanto desolada, aquilo que ela considerava *os arroubos e bravatas de Bárbara*. Contava que certa vez a menina chegou ao ponto de discutir com o próprio pai, por que achou que o barracão nos fundos da casa, onde viviam os escravos, precisava de reparos no telhado. (SIFUENTES, 2015, p. 119)

A mãe de Bárbara, D. Maria Joseja, é uma personagem que nos evidencia bem o que a sociedade espera de uma mulher. Ela tenta, durante a maior parte da trama, moldar as suas filhas segundo as exigências da época, com o intuito de fazê-las arranjar um bom casamento,

sempre pensando na imagem feminina associada aos afazeres domésticos e aos agrados masculinos. Embora tenha recebido de D. Maria Josefa uma educação baseado nos padrões exigidos pela sociedade setecentista, que gerava na busca incessante de um bom casamento, o narrador constrói a imagem de Bárbara como uma mulher que não se deixava submeter facilmente aos padrões impostos, como podemos perceber na construção de um dos diálogos presentes no romance:

Ah, Francisca, a sociedade é tão injusta com nós mulheres! Veja as primas. Estão todas agitadas porque vem aqui esse senhor, que elas não conhecem, apenas por ouvir dizer que é bem-apegoado, tem prestígio e poder. Resumindo um “bom partido”! Outros “bons partidos” aqui estarão, e todas só pensam em fisgar algum. Estamos quase no final do século e o objetivo das mulheres continua sendo o mesmo de sempre! (SIFUENTES, 2015, p. 130)

O diálogo construído pelo narrador tenta apresentar ao leitor a imagem de Bárbara que, já em sua época, tinha ideias consideradas à frente do seu tempo. Enquanto a maioria das mulheres mantinha como desejo central a conquista do casamento, a poetista possuía outros desejos, além da realização matrimonial com um “bom partido”. O narrador deixa notório, no trecho lido, que ela não se intimidava diante da figura masculina, mas, ao contrário, afirmava-se perante aqueles que contrariavam as suas ideias. Mas, além das tentativas de sua mãe, a poetista também teve a oportunidade de viver em uma das principais e mais progressistas capitâneas de Minas Gerais, como relata a autora, “A situação privilegiada de São João del Rei, como polo cultural e econômico, principiava a presença de mestres e artistas de boa formação e qualidade.” (SIFUENTES, 2015, p. 118). Somado a isso, seu pai, Dr. Silveira, proporcionava-lhe contato com uma educação voltada para as artes:

[...] o Dr. José da Silveira e Sousa era conhecido, sobretudo, pelos animados saraus que promovia em sua residência. Ali se reuniam poetas, músicos, intelectuais e vários amigos, pois Dr. Silveira gostava, assim como toda a sua família, de viver no ambiente relaxado e agradável de culto à poesia, à música e às artes. (SIFUENTES, 2015, p. 118)

Assim como não se submetia a seu pai, Bárbara, ao contrário do que se esperava da imagem atribuída à esposa do século XVIII, também não demonstrava intimidada diante de outros homens. A exemplo disso, temos a narração do momento que Antônio Luís pede Bárbara em casamento: “Bárbara analisou friamente a situação. Afinal, ser prática era, na sua

própria avaliação, umas das suas melhores características” (SIFUENTES, 2015, p. 162). Observamos, pela utilização advérbio *friamente*, que o narrador constrói a imagem de Bárbara como uma mulher que não analisava as situações de sua vida de forma passional. O advérbio nos remete, aqui, ao agir de forma racional, característica não atribuída à figura feminina do século XVIII, apenas a masculina. Bárbara tinha características consideradas atípicas a uma mulher do século XVIII, mostrava ter consciência reflexiva sobre as suas ações - *na sua própria avaliação* -, tentava manter-se sóbria diante da presença masculina.

Atentando-nos a obra de Bárbara, percebemos, em certas passagens, características semelhantes da sua personalidade elucidadas também pelo narrador da obra de Sifuentes. O eu lírico em seus poemas demonstra-se ser racional, não apresenta características típicas atribuídas à mulher, como a submissão aos homens. Em *Conselho a meus filhos*, observamos que vários elementos nos apresentam o caráter racional do eu lírico, os quais nos mostram traços da sua personalidade, como em “*Que a lição não faz saber/ Quem faz sábios é o pensar*” ou mesmo no poema *À Maria Ifigênia* quando evidencia elementos próprios do Iluminismo - “*em que a luz da razão, qual tocha acesa/ vem conduzir a simples natureza*”. A forma que Bárbara posicionava-se frente aos homens permitiu-a manter-se solteira por mais tempo do que se esperava, “tanto que conseguiu ficar solteira durante todo esse tempo, não obstante ter sido sondada por mais de um pretendente” (SIFUENTES, 2015, p. 162), novamente o narrador descreve a poetista como uma mulher que se afirmava diante dos padrões impostos às mulheres.

Por meio desse paralelo, podemos observar que o narrador da obra de Sifuentes estabelece um diálogo entre a figura ficcional e a histórica de Bárbara, que nos ajuda a construir e a reconstruir a imagem de Bárbara. O narrador, na obra de Sifuentes, retoma características que a poetista já expressava, por meio do eu lírico, em seus poemas e por meio de relatos históricos sobre a sua personalidade. Ao retomar o caráter racional da poetista, o narrador constrói a imagem de Bárbara segundo as características da imagem histórica dela, como veremos ao longo de todo o texto literário.

Retornando a obra de Sifuentes, percebemos que o narrador nos apresenta a imagem de Bárbara a partir de características fundamentais que pertenceram à sua personagem histórica, como faz no excerto a seguir, no qual nos evidencia que a poetista nem mesmo manteve-se a mercê dos julgamentos que a cercava por praticar ações não correspondentes à figura feminina. Mesmo após gerar a sua filha antes da concretização do matrimônio – atitude

que conferia à figura feminina a impureza, Bárbara manteve-se firme e enfrentou todas as opiniões negativas que a inferiorizava.

Lá em Catas Altas, sozinha com a filha e cansada da espera, Bárbara acordou um dia chateada e, sem aviso, juntou suas coisas, as criadas e Maria Ifigênia e partiu para São João del Rei. Ela não se intimidava por nada e não fazia sentido continuar ali, distante de tudo e de todos, recebendo notícias esparsas do que acontecia na cidade, por intermédio das suas irmãs. (SIFUENTES, 2015, p. 300)

Mesmo sabendo dos olhares julgadores; que atrairia para si, não se intimidava, característica de uma personalidade forte, considerando que gerar filhos fora do matrimônio, para as mulheres, submetia a desonrava à imagem da mulher e à de sua família, além de fazerem as mulheres serem vistas como prostitutas por manterem relacionamentos não oficializados perante a Igreja. Assim, quando apresenta ao leitor a imagem de Bárbara, o narrador firma uma interação entre a sua personagem fictícia e a sua personagem histórica, não desassociando de sua imagem todas as características que fazem de Bárbara uma figura histórica.

O narrador também nos relembra que Bárbara não aceitava não estar ciente de todos os acontecimentos que interferiam em sua vida. Embora não cabeasse às mulheres o papel de preocupar-se com as finanças da família – papel destinado ao homem –, a poetista decidiu voltar a sua cidade natal para manter-se ciente de todos os acontecimentos, mesmo sabendo que isso significaria viver publicamente com a sua filha nessa sociedade, que a faria perder espaço e voz nos espaços sociais.

Vou morar na fazenda de Catas Altas com a minha filha, e vou cria-la, até que as pessoas em São João del Rei se esqueçam disso tudo. Acho que vai ser até bom, porque o senhor sabe como sou. Poderei auxiliá-lo a administrar a propriedade. Vou arrumar as nossas coisas e partirei amanhã mesmo, antes que Inácio chegue e nos encontre ainda por aqui. (SIFUENTES, 2015, p. 305)

Esse trecho apresenta ao leitor uma das mais firmes decisões tomada por Bárbara. Decide, contrariando as vontades da sua família e do seu esposo, criar sua filha sozinha. Como já vimos nesse trabalho, ter gerado uma filha antes da concretização matrimonial é um importante fato da vida de Bárbara, por ser algo incomum à época. Trazer a tona esse importante fato da vida da poetista destaca a força de personalidade que essa figura histórica possuía. Dessa forma, o narrador nos mostra a firmeza com que Bárbara lidava com as

adversidades, assim como a poetista também ilustra “*Que seja sábio piloto/ Nas regras de calcular*”, ao orientar seus filhos a serem os pilotos de suas vidas, pois não deviam eles, assim como ela, agir apenas segundo os sentimentos do coração. Também observamos isso em *À Maria Ifigênia*, no trecho “Amada filha [...]”, que nos apresenta um contexto familiar afetivo presente sua obra poética, mas, mesmo que demonstrasse o seu sentimento maternal, a poetista calculava as suas ações e as comandava da forma que desejava, ainda que isso provocasse a insatisfação de muitos. Notamos aqui também a forte interação que há entre a obra de Sifuentes, a obra de Bárbara e os fatos históricos de sua vida. O narrador da obra de Sifuentes reconstitui e nos apresenta, ao longo de todo o texto, a imagem de Bárbara por meio de um diálogo com a imagem histórica da poetista, trazendo-a à contemporaneidade.

Outra característica relevante da personalidade de Bárbara apresentada pelo narrador, nesse trecho do texto de Sifuentes, é o seu desejo em participar da administração das fazendas da família, função destinada majoritariamente aos homens. Sabemos que Bárbara, após o exílio e falecimento do esposo, teve que administrar todos os bens que restaram da família e, como já mostramos, soube administrar muito bem - outra característica incomum a uma mulher setecentista.

Em outro trecho retirado do poema *Conselho a meus filhos*, podemos observar novamente como Bárbara, por meio do eu lírico, apresentava sagacidade e inteligência, “*Aplicai ao conversar/ Todos os cinco sentidos/ Que as paredes têm ouvidos*”, sabia que suas ações poderiam ser observadas, logo se atentava a quem estava ao seu redor, “*Não vos deixei enganar/ Por amigos, nem amigas/ Rapazes e raparigas*”. A genialidade da poetista pode ser vista também pela forte influencia que transmitia ao seu esposo, a qual foi relemburada pelo narrador da obra de Sifuentes:

- Estou pensando em também escrever uma carta ao Barbacena. Pelo menos não poderão alegar no futuro que eu, sabendo de tudo, não tomei nenhuma providência.
- Estás maluco, Inácio? – protestou a esposa. – Nem penses em fazer uma coisa dessas! Já imaginastes que vergonha, passar para a história como aquele participou da conjuração e depois traiu covardemente os amigos? Não, de jeito nenhum isso não combina contigo, definitivamente...

(SIFUENTES, 2015, p. 370)

Contrário ao que se esperava de uma mulher do século XVIII, que era resumida à sua beleza - o que, para a sociedade, era umas das principais qualidades da figura feminina -

Bárbara possuía grande inteligência, evidente pela forma como se relacionava com Alvarenga, que, em seus poemas, reconhecia a capacidade dela em norteá-lo, como também evidenciado na obra de Sifuentes:

Sempre encontrou apoio nela, era seu esteio, seu pé no chão, a forte corrente que o ligava à terra, enquanto os seus o levavam para longe, sem destino, como tinha sido no caso daquela conjuração. Se pudesse, queria voltar atrás e esquecer tudo aquilo. (SIFUENTES, 2015, p. 372)

Bárbara era quem tinha inteligência para orientar as ações a serem tomadas por Alvarenga, como apresenta em seu poema *Bárbara Bela*. Vemos aqui que o narrador traz para dentro do texto essa característica de Bárbara que era reconhecida pelo próprio Alvarenga. Essa habilidade de orientar as ações de outros próximos a ela também é notável em alguns de seus poemas, que possuem tom conselheiro – orienta as ações de seus filhos, “*Meninos, eu vou ditar/ As regras do bem viver*”, e, mais empenhadamente, as de sua filha Maria Ifigênia, “*A mão, que te gerou, teus passos guia*”.

Não somente forte influencia sobre o marido – o que por si só já demonstra como a poetista transgredia à sua época –, Bárbara tinha consciência que as ações políticas que tomava faziam parte da história brasileira, não se apresentava alheia ao contexto, como podemos ver pelos seus versos “*Com Deus e o rei não brincar/ É servir e obedecer*”. Embora fosse religiosa, como podemos ver, principalmente, em *À Maria Ifigenia*, em trechos como “[...] *estampa na tua alma a Caridade*”, mostrava ter consciência das imposições que a religião pregava em nome de Deus e dos abusos cometidos pela Coroa portuguesa.

Outra passagem interessante desse poema é o momento em que o eu lírico afirma que “*não me posso demorar*”. A limitação ao percorrer espaços destinados ao homem - como o campo da escrita, que ela e tantas outras mulheres sofreram por fazerem parte de uma sociedade baseada em questões ideológicas - impossibilitou que chegasse até nós mais de suas produções literárias. Notamos que, ao longo da história, a figura feminina sofreu um processo de silenciamento, sendo permitido ao homem o direito da fala. Ao homem era dedicado um espaço de visibilidade, já, às mulheres, era reservada a censura. Assim, a mulher torna-se ausente da sua própria história, a ela não é permitido ser reconhecida como participante da História.

Apesar de o silenciamento que projetaram sobre Bárbara, vemos que a sua obra ainda se faz presente nos dias atuais. Por meio de sua produção literária, vemos elementos que



atravessavam a sua época e se fazem presentes ainda na atualidade. Percebemos a sua inteligência, ousadia e rebeldia ao ler os seus versos escritos. A necessidade da valorização da sua personagem e da sua obra literária, como participante fundamental para a História da formação da nação, bem como para a História das mulheres, permite abrir caminho para que novas escritoras surjam, e lembrar que Bárbara, uma mulher setecentista, foi personagem imprescindível para a Literatura brasileira.

Analisando a trajetória percorrida pelas mulheres, ao longo da História, são perceptíveis as grandes lutas travadas pela conquista de direitos, que visam à emancipação feminina dentro do contexto familiar, profissional e em todas as outras instâncias da sociedade, das quais as mulheres eram proibidas de participar efetivamente, ficando ausentes nas tomadas de decisões, além de serem, muitas vezes, apagadas do processo histórico, ainda que tenham contribuído para isso. Com o decurso da História, presenciamos hoje muitos avanços no que diz respeito aos direitos femininos, como o aumento da escolarização e do ingresso no mundo do trabalho, bem como maior acesso à propriedade e bens. As mulheres conquistaram variadas participações dentro da sociedade, estão presentes nos mais diversos ambientes de trabalho, em movimentos sociais e em participações políticas. Mas, embora as desigualdades em relação ao gênero tenham diminuído, existem muitas barreiras a serem superadas. No contexto brasileiro, há uma supervalorização da família, que ainda coloca a figura feminina como principal responsável pela criação dos filhos e pela realização dos serviços domésticos. Isso possibilita a manutenção da mulher dentro do ambiente familiar, impedindo-as, muitas vezes, de participarem de outros espaços sociais e de progredirem em suas profissões tanto quanto o homem, pois continuam centradas nos serviços domésticos e maternais ou, então, devem conciliar esses serviços com mundo do trabalho. Esse cenário contribui para que o homem ainda continue sendo a maior figura detentora de poder, já que possuem maior disponibilidade para exercerem atividades não relacionadas ao serviço doméstico e à maternidade. Assim ele ainda continuam a ocupar, em maioria, cargos mais elevados, em funções de liderança, com participação mais ativa em determinados espaços sociais.

Logo, a permanência de uma cultura e de uma sociedade regida pela divisão sexual, que promove a manutenção da figura feminina ao universo doméstico e maternal, continua a proporcionar o apagamento da mulher na História. Por isso, ao confrontar a obra de Sifuentes com a de Bárbara, percebemos como é importante valorizar a obra de Bárbara na atualidade.

Por meio desse estudo, notamos que reconhecer a participação das mulheres no processo histórico é fundamental para a emancipação feminina. Da mesma forma, reconhecer a história e a obra poética de uma escritora pouco estudada, como a de Bárbara Heliodora, é reconhecer a sua contribuição para o processo de formação da História do Brasil. Valorizar a sua obra é uma forma da sua imagem resistir ao tempo, reconhecendo-a não somente como mãe e esposa de Inconfidente, mas como escritora, uma escritora que conciliou, como tantas mulheres na atualidade, o trabalho doméstico, a maternidade, os negócios familiares, além da sua escrita.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Um dos principais objetivos de estudar a História é compreender o homem em seu contexto e, para isso, podemos nos beneficiar da Literatura, fonte que nos fornece elementos essenciais para a compreensão de determinado tempo, espaço e personagens históricos. Assim, por meio dela, podemos observar as mudanças econômicas, ideológicas e sociais, que ocorreram no século XVIII. O século setecentista foi espaço para o desenvolvimento de muitas singularidades. Momento histórico marcado pelo início de uma transição de poder, saindo da aristocracia e passando para a burguesia, resultando em uma profunda manifestação cultural, artística e literária. Momento histórico em que as expressões literárias manifestavam as ideias políticas, econômicas e sociais próprias da época. O centro dessa efervescência de novas ideias, Minas Gerais, possibilitou o surgimento de muitos poetas árcades que, ainda influenciados pelo pensamento europeu, tentaram produzir uma literatura com um viés mais nacionalista, motivados pelos anseios da liberdade e autonomia de ideais, pregados pelo movimento da Inconfidência Mineira. Dessa forma, podemos, por meio da literatura produzida nesse contexto, nos apropriar das obras literárias árcades, já que elas podem servir de fonte para tradução de questões pertinentes à época, como fizemos com Bárbara Heliodora, mulher escritora, que conviveu com os padrões impostos à figura feminina do século XVIII.

Embora Bárbara Heliodora tenha vivenciado esse cenário nascente de novas ideias e propício ao surgimento de poetas, a sua imagem - enquanto escritora - é apagada da História, mesmo que ela tenha produzido obras poéticas e tenha sido participante ativa da Inconfidência. Mas, apesar de termos observado o apagamento da imagem da poetista, ao longo da história, notamos a sua importância para a Inconfidência Mineira, para a literatura árcade, bem como para a representação da sua figura feminina na História. Ao estudar a vida da poetista, notamos que ela levantou muitas questões, que ainda são temas discutidos na

atualidade. Bárbara conciliou a vida de mãe, de esposa, de escritora, de inconfidente e de administradora dos negócios familiares em meio a uma imposição de silenciamento das ações femininas. Bárbara Heliadora é um símbolo de mulher transgressora e questionadora. Ela questionou as tradições, o matrimônio, a beleza e a repressão. Casou-se somente após o nascimento de sua filha, desrespeitando uma longa tradição, que associava a figura feminina à pureza. Contrariou as regras do matrimônio, não se deixava ser dominada pela figura de poder, que representava o homem dentro da relação familiar – influenciava e orientava as decisões de Alvarenga Peixoto. No campo da beleza, não permitiu que a sua imagem fosse reduzida a sua bela aparência, demonstrou-se ser uma mulher audaciosa e inteligente. Além disso, suas atitudes atípicas para uma mulher setecentista, como a administração de negócios e a escrita, representou transgressão à repressão dada as mulheres.

Finalizamos esse estudo – que ainda merece ser mais explorado – considerando que todos esses aspectos sobre a vida e a obra de Bárbara Heliadora são essenciais para enxergar a participação da mulher como personagem presente na formação da História, não permitindo que sua imagem permaneça apagada. Em virtude disso, propusemos aqui exercer uma busca pela presença da imagem feminina de Bárbara Heliadora dentro da História e da Literatura, com a finalidade de compreender a importância que a escritora teve para a formação da História brasileira, não permitindo que a sua imagem continue sendo apagada no decurso do tempo, tornando-se viva na atualidade. A obra literária da poetista é símbolo da sua resistência ao silêncio imposto, ao longo da História, às mulheres. Percebemos que ela é composta por um tom reflexivo, que reflete sobre as ações humanas, assim como por um tom conselheiro, que estabelece orientações por meio da racionalidade e, ainda que demonstre afeição aos filhos, não restringe suas orientações ao sentimentalismo. Isso nos mostra a consciência reflexiva da poetista, pois ela, por meio do eu lírico em sua obra poética, traduz os pensamentos de uma mulher à frente de seu tempo.

Resgatar a imagem da poetista é uma maneira de afirmar que há espaços na escrita literária construídos por mulheres, apagadas ao longo dos séculos. A produção literária de Bárbara não demonstra apenas a inconformidade das mulheres com o sistema cultural, representa também a possibilidade da abertura de espaço dentro da sociedade para novas mulheres escritoras.

Com isso, concluímos que, embora, na contemporaneidade, a mulher escritora tenha conquistado um enorme avanço dentro da sociedade, ainda existem caminhos a serem

explorados. É fundamental termos memória histórica, lembrando a história de grandes escritoras, como Bárbara Heliodora. Por isso, objetivamos, por meio da leitura da obra de Monica Sifuentes, observar a imagem ficcional de Bárbara ser construída a partir do diálogo que exerce com a sua imagem histórica. Por meio dos estudos comparados, pudemos estabelecer um diálogo entre o passado e o presente, repensando o apagamento de escritoras do cânone literário e da História.

Relembrar a imagem da poetisa é uma forma de torná-la resistente ao tempo e dar-lhe voz histórica e poética, mas os estudos não se encerram com esse trabalho, ainda é necessário continuar revivendo a imagem de Bárbara Heliodora.

## REFERÊNCIAS

- BASTOS, Hermenegildo. *Ficcional e verídica: Notas sobre a historicidade da poesia*. Revista Letras, Curitiba, UFPR, n. 94, p. 36 – 50, jun./dez. 2016.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada Ave-Maria*, 215ª. ed. São Paulo: Editora AveMaria, 1959, (impressão 2006). 1632p.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 1. ed, 1986.
- CASASANTA, Guerino. *Bárbara Heliodora*. Minas Gerais: Suplementos Literários. v. 4, n. 143, p. 2, maio 1969.
- FOCAS, Júnia D. *Inconfidência mineira: a história dos sentidos de uma história*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2002.
- LAURITO, Ilka Brunhilde. *Romanceiro da Inconfidência: uma releitura*. In: V. B. GOUVÊA, Leila. *Ensaio sobre Cecília Meireles*, São Paulo: Humanitas, 2007, p. 49-60.
- LUKÁCS, Gyorgy. *Arte e Sociedade*. Rio de Janeiro: Editora URFJ, 2009.
- MEIER, Harri. *A maiúscula, problema ortográfico e semântico*. Rio de Janeiro: Grifo, 1974.
- MORELTO, Adrienne. *Territórios do eu Reencontrado, o Drama do Estranho feminino*. São Paulo: Revista da rede internacional Lyracompoetics, 2015.
- MOURÃO, Rui. *Bárbara Heliodora*. Minas Gerais: Suplementos Literários, v. 4, n. 143, p. 1, maio 1969.
- PRIORE, Mary Del. *História das mulheres no Brasil*. 8. Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

- SIFUENTES, Monica. *Um poema para Bárbara Heliodora: a história de amor que ajudou a escrever a história do Brasil*. Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2015.
- SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. *Brasileiras Célebres*. Rio de Janeiro: Editora Garnier, 1862.
- SILVA, Joaquim Norberto de Souza. *História da conjuração mineira*. Rio de Janeiro: B.L. Garnier, Livreiro-Editor do Instituto Histórico, 1873.
- SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. *Obras poéticas de Inácio José de Alvarenga Peixoto*. Rio de Janeiro: Editora Garnier, 1865.
- TOMÉ, D. e QUADROS, R. *A educação feminina durante o Brasil colônia*. Anais da Semana de Pedagogia da UEM. Vol.1, nº 1. Maringá: UEM, 2012.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Florilégio da poesia brasileira*. Vol. 3, Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1943.
- VASCONCELLOS, Eliane. *Escritoras Brasileiras do Século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000.
- VEIGA, José Pedro Xavier da. *Ephemerides mineiras*. vol. 4, Ouro Preto : Imprensa Oficial do Estado de Minas,1897.